

Na noite seguinte, Dīnārzād disse à irmã: “Se você não estiver dormindo, maninha, conte-nos uma de suas belas historinhas para que atravessemos o serão desta noite”. O rei Šāhriyār disse: “Que seja a história do perfumista Abū Alḥasan ʿAlī Bin Ṭāhir e de Nūruddīn ʿAlī Bin Bakkār, e do que sucedeu a este último com Šamsunnahār, concubina do califa”.¹ Šāhrāzād disse: “Com muito gosto e honra”.

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que vivia na cidade de Bagdá um perfumista chamado Abū Alḥasan ʿAlī Bin Ṭāhir. Possuía muito dinheiro, e próspera era a sua situação, excelente a sua conduta, veraz a sua palavra, agradável a sua convivência e bem-vinda a sua figura onde quer que aparecesse. Quando entrava no palácio califal, a maior parte das servas e concubinas do califa Hārūn Arrašīd descia para falar com ele, que lhes supria as necessidades de modo a deixá-las todas satisfeitas. Seu estabelecimento era freqüentado por filhos de nobres e notáveis. Junto com ele estava sempre um jovem descendente de reis persas chamado Nūruddīn ʿAlī Bin Bakkār, em quem Deus reunira todas as partes louváveis da beleza superior, da formosura suave, da língua eloqüente, da pronúncia graciosa, da inteligência, do desprendimento, da generosidade, da bondade, da doação, do pudor, do brio e da hombridade. Ele convivia tão amiúde com Abū Alḥasan que praticamente não se separava dele nem por um piscar de olhos. Certo dia, estando o rapaz ali instalado na loja, eis que surgiram, provenientes do mercado, dez servas de seios virgens, como se fossem luas, e entre elas, montada em uma mula cinzenta, uma serva que causaria vergonha ao mais perfeito plenilúnio, sobre a qual havia adornos de seda vermelha cravejada de pérolas e gemas, e cuja beleza era bem superior à das servas que estavam diante dela, tal como disse alguém a seu respeito, na seguinte poesia:

“Ela foi criada tal como se deseja, até a perfeição,
no molde da formosura, sem tirar nem pôr;
parece que ela foi feita de pérola líquida:
em cada parte de seu corpo existe uma lua.
Sua aparição é plenilúnio, seu talhe, ramo,
seu aroma, almíscar; ninguém há como ela”.

1 A presente história – cuja linguagem é a mais difícil de todo o livro – foi suprimida nos manuscritos do ramo egípcio antigo das *Mil e uma noites*. A exceção é o manuscrito “Arabe 3612”, no qual ela se encontra deslocada para mais adiante, ocupando da 229ª à 250ª noite. Tal deslocamento, que também ocorreu nas edições impressas, revela que, no ramo egípcio, ela somente foi reincorporada às *Mil e uma noites* quando das tentativas mais tardias de completar o livro. O nome *Šamsunnahār* significa “sol do dia”, e seu *status* – apesar de “concubina” indicar condição inferior à de “esposa” – é o de uma espécie de “preferida” ou “favorita” do califa, o que lhe proporcionava vários privilégios. Salvo algumas poucas exceções (como no início da 172ª noite), o personagem Nūruddīn ʿAlī Bin Bakkār é chamado, na maioria das passagens desta história, de ʿAlī Bin Bakkār, sem o Nūruddīn, forma que prevaleceu afinal no ramo egípcio. Para evitar confusões, porém, a tradução acrescentou sempre o primeiro nome do personagem, o qual, sobretudo a partir das traduções francesas, passou a ser chamado de Ali Ben ʿBecar. O nome *Bakkār* possivelmente significa “medicador”.

Disse o narrador: ela cativara as inteligências com a beleza de seus olhos e a perfeição de suas maneiras. Quando chegou à sua loja e apeou-se, Abū Alḥasan ‘Alī Bin Ṭāhir se colocou de pé diante dela, beijou o chão e lhe estendeu um assento de brocado enfeitado com ouro, propondo-se então a servi-la. Mas ela lhe pediu encarecidamente que se sentasse, e ele se sentou diante dela, que começou a falar das coisas que queria. Enquanto isso, a razão do jovem Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār já fora seqüestrada, e sua cor se alterara do vermelho ao amarelo; a um passo de perder os sentidos, fez menção de levantar-se em reverência a ela, que o fitou com olhos de narciso e lábios inebriantes e lhe disse: “Meu senhor, viemos em busca de sua hospitalidade, mas você quer fugir de nós, pois não lhe agradamos!”. O jovem então beijou o chão e disse: “Senhora, a minha razão foi seqüestrada no momento em que a vi. Não digo mais do que disse certo poeta em sua poesia:

*‘Ela é o sol e tem o céu por morada;
consola teu coração do melhor modo,
pois não poderás até ela ascender,
e nem ela até ti poderá descer’”.*

Ela sorriu – seus dentes brilhavam mais intensamente que um relâmpago – e perguntou: “Ó Abū Alḥasan, de onde você conhece este rapaz? Qual é a sua posição?”. Abū Alḥasan respondeu: “Seu nome é Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār, e ele descende de reis”. Ela perguntou: “Dos persas?”. Ele respondeu: “Sim, minha senhora”. Ela disse: “Quando esta minha serva vier até você, vá até nós acompanhado desse rapaz, para que os recepcionemos em nossa morada, a fim de que ele não nos censure nem diga que não existe generosidade no povo de Bagdá, pois a avareza é a pior característica no homem. Ouviu o que lhe disse? Se acaso não me acatar, você estará carreando para si a minha cólera, e nunca mais o cumprimentarei”. O perfumista respondeu: “Longe e livre esteja eu de desacatá-la, ó proprietária de todos os escravos! Refugio-me em Deus contra a sua cólera!”. Ela se levantou imediatamente, montou e se retirou após ter se apossado dos corações e seqüestrado as razões. Quanto ao jovem Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār, ele já não sabia se estava no chão ou no céu. O dia ainda nem se findara quando a serva da jovem apareceu e disse: “Meu senhor Abū Alḥasan, vamos então?”.

E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. Dīnārzād disse à irmã: “Como é agradável e insólita a sua história, maninha”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se acaso eu viver”.

Na noite seguinte ela disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que a serva chegou e disse: “Meu senhor Abū Alḥasan, vamos então? Você e meu senhor Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār? Atendam à minha patroa Šamsunnahār, favorita do comandante dos crentes Hārūn Arrašīd”. O perfumista se levantou e disse para Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār: “Vamos então, meu senhor?”. Ele também se levantou e ambos saíram disfarçados seguindo a serva de longe, até que ela os conduziu ao interior do palácio do califa, avançando com eles até a residência de Šamsunnahār. O rapaz contemplou então um lugar que parecia ser um dos aposentos do paraíso, no qual haviam sido colocados colchões, bancos e almofadas que ele jamais vira antes; sentou-se, bem como o perfumista Abū Alḥasan. Assim que o fizeram e se acomodaram a contento, foi-lhes servido um banquete com boa comida. Uma serva negra parou diante deles, que viram cordeiros ainda não desmamados, galinhas gordas, confeitos açucarados, potes de pickles, além de espécies que flanavam e voavam de seus ninhos, tais como perdizes, codornas e filhotes de pomba. O rapaz começou a comer, maravilhado.

Mais tarde, Abū Alḥasan contaria:²

Comemos comida saborosa e bebemos bebida deliciosa. Quando terminamos de fazer as duas coisas, foram-nos trazidas duas bacias douradas, e lavamos as mãos; ofereceram-nos incenso, e nos incensamos; apresentaram-nos taças de ouro e cristal trabalhado em cujo interior havia estatuetas de cânfora e âmbar, cravejadas de várias classes de pedras preciosas, contendo almíscar e água-de-rosas; perfumamo-nos e retornamos aos colchões. Então a serva negra ordenou que nos puséssemos de pé; obedecemos e ela nos conduziu a outro aposento; abriu-o e entramos num pavilhão todo forrado de seda, que se sustinha sobre cem colunas, as quais formavam, na base, o desenho de um animal ou pássaro coberto de ouro. Assim que nos sentamos, começamos a examinar o pavilhão, cujo assoalho era tecido de ouro, com gravuras de aspecto de rosas brancas e vermelhas;

² Como o narrador muda sem que isso seja diretamente explicitado no texto, considerou-se adequado, tal como

I72^a

noite das histórias
das mil e uma noites

procedeu Muhsin Mahdi em sua edição crítica, indicar quem fala: além de Šahrāzād, a história também é contada pelo perfumista Abū Alḥasan e, mais adiante, pelo joalheiro e pela serva. Ainda assim, em mais de um momento a tradução foi obrigada a efetuar pequenas alterações ou acrescentar frases explicativas para tornar o texto inteligível, como “mais tarde, Abū Alḥasan contaria” etc.

ca”, *ṣūf*, de acordo
o *Dicionário Houaiss*, é
ore (*tectona grandis*) da
ia das labiadas, nativa
dia, de folhas opostas
es brancas em panicu-
rminais, cuja madeira
ela é usada em carpin-
marcenaria e constru-
aval”.

discurso de Nūruddīn
Bin Bakkār é pratica-
e incompreensível. De
o com Muhsin Mahdī,
trecho a sua fala imita
e dos persas. Por
“regado” traduziu-se
e por “quem lhe deu
es” se traduziu
kil. Para alguns,
luas palavras fariam
cia, respectivamente,
em Nūruddīn
Bin Bakkār e a
innahār; para outros,
sunnahār e ao califa
Arrašīd, o que é
vável, uma vez que,
diante, o jovem
stra desconhecer
nem está tratando.

o teto era da mesma forma: continha mais de cem pontos elevados e bandejas de ouro e cristal, cravejadas de várias espécies de pedras preciosas. No ponto mais elevado do pavilhão havia muitas portinholas, em frente de cada uma das quais se via um colchão gracioso tecido de diversas cores. As portinholas estavam abertas e davam para um jardim cujo solo parecia ser igual ao do pavilhão. Em suas laterais, a água escorria de uma grande piscina para outra pequena, e à beira delas havia manjeriço, nenúfar e narciso em vasos de ouro incrustado. As árvores desse jardim já haviam se entrelaçado e suas frutas, amadurecido; toda vez que os soldados do vento passavam por ali, as frutas despencavam sobre as lâminas d’água e os pássaros se abatia sobre elas, batendo as asas e conversando por meio de toda a variedade de melodias. À direita e à esquerda da piscina havia poltronas de teca³ cobertas de prata, e, em cada poltrona, uma jovem mais ofuscante que o sol, vestida com roupas opulentas e trazendo ao peito um alaúde ou algum outro instrumento de diversão. Seus ritmos se misturavam com o gorjeio dos pássaros; o assoprar do vento acompanhava o escorrer da água. A brisa passava por uma rosa e a fazia subir, tocava uma fruta e a fazia cair. Nossos pensamentos e olhares ficaram perplexos. Começamos a ponderar sobre aquele poder e a refletir sobre aquele bem-estar todo. Ficamos observando o jardim durante algum tempo, voltando-nos às vezes para o pátio e para a piscina, contemplando aquele esplendor, a formosura daqueles trajés e seus altos desígnios, espantados com a grandiosidade do que presenciávamos e com o espetáculo ao qual assistíamos.

Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār voltou-se para Abū Alḥasan e lhe disse: “Fique sabendo, meu amo, que até mesmo o sábio inteligente, arguto e decoroso, de coração vazio, sentidos e miolos vigilantes, se apaixonaria por isso, admiraria, consideraria belo, ficaria emocionado, espantado e encantado, em especial quem tenha ficado na minha situação, com o coração em estado semelhante ao meu. O que vi não evitará que eu pergunte nem impedirá que eu me informe. Não fui envolvido nesta provação que o destino conduziu a mim e a desgraça depositou na minha frente senão por algo bom que deverei obter. Se, como você diz, é esta a situação do encarregado, a de quem lhe deu poderes é bem diferente. Quem poderá lhe dirigir a palavra e estar seguro diante dele se o seu poderio é tão grandioso e o seu reino é tão imenso?”⁴

E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. Dīnārzād lhe disse: “Maninha, como é agradável e insólita a sua história”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite: será mais espantoso e insólito, se acaso eu viver e o rei me preservar”.

Na noite seguinte ela disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que, quando Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār disse aquelas palavras, seu companheiro lhe respondeu: “Por ora, este assunto continua obscuro para mim. Não ocorreu ainda nenhum contato que me permitisse perceber a verdade desta situação e inferir o que fazer. Mas já estamos chegando ao objetivo final: e logo as coisas lhe serão reveladas e o segredo se porá diante de você. Por enquanto, não vimos senão o que provoca espanto nem ouvimos senão o que emociona”.

Mais tarde, Abū Alḥasan contaria:

Estávamos nesse pé quando a serva negra surgiu e ordenou às jovens sentadas nas poltronas que cantassem. A primeira delas afinou o alaúde e cantou a seguinte poesia:

“Descuidosa, liguei-me a ele sem saber o que é a paixão;
logo se acendeu o fogo do abandono em meu peito e coração;
meu único delito não foi senão que minhas lágrimas
escorrem sem que meu íntimo tenha controle sobre elas”.

O jovem lhe disse: “Você desempenhou muito bem e inovou!”.
Ela continuou:

“Anseio por você com longínqua esperança;
não tem importância que se anseie pelo enamorado
em desejos ardentes que se elevam em suspiros
dos quais os mais frios parecem estar em combustão”.

Ele suspirou profundamente e disse: “Você desempenhou muito, muitíssimo bem, moça, e atingiu o máximo de qualidade e destreza”. Então, ele repetiu aqueles versos, suas lágrimas escorreram e disse: “Cante!”, e ela começou a recitar uma poesia:

“O aquele cujo amor em mim aumenta,
domine meu coração como bem lhe parecer
e esfrie pelo contato a chama de um coração
desmilíngüido pelo abandono e pela rejeição.
Tome a recompensa ou cometa o delito que quiser,
pois a minha recompensa é morrer de amor”.⁵

E o rapaz pôs-se a chorar, e por alguns momentos repetiu a poesia. Em seguida, vimos as jovens prontamente se levantarem de seus lugares. Afinaram suas cordas e começaram a tocar numa só batida, cantando os seguintes versos:

“Deus é grande! Já fez surgir este plenilúnio
e realizou a reunião entre o amante e o amado;
quem vir o sol e o plenilúnio iluminando juntos,
saiba que o paraíso ao mundo terrestre se uniu”.

Dirigimos os nossos olhares para elas e eis que a primeira serva – a que fora até nós na loja e nos conduzira até ali – estava de pé no ponto mais elevado do jardim. Surgiram dez meninas carregando um grande trono de prata; colocaram-no entre aquele arvoredor e se detiveram diante dela. Depois delas, apareceram vinte jovens que pareciam luas cheias carregando diversas classes de instrumentos musicais e vestindo várias espécies de roupas; todas tinham as mesmas maneiras e cantavam com a mesma voz, até que se aproximaram do trono; pararam ao seu lado, vibraram suas cordas por alguns momentos e era tal a beleza do ritmo tocado que nós começamos a flutuar naquele lugar. Depois apareceram à porta dez jovens indescritíveis, sobre as quais havia roupas e jóias que rivalizavam com a sua beleza e correspondiam à sua formosura. Detiveram-se à porta. Depois apareceram outras jovens semelhantes, entre as quais estava Šamsunnahār.

E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. Dīnārzād disse à irmã: “Como é agradável e espantosa a sua história”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, e que será mais espantoso, insólito e belo, se acaso eu viver e o rei me preservar”.

Na noite seguinte ela disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que as jovens se detiveram à porta, e depois surgiram outras semelhantes, misturada às quais se encontrava Šamsunnahār, os longos cabelos enrolados na cintura, coberta por um manto azul tecido a ouro, tão fino que revelava as roupas e as jóias que estavam debaixo dele. Ela parecia o sol sob nuvens, exibindo-se em seu caminhar e encantando com seu marchar; subiu enfim ao trono, e o jovem se pôs a contemplá-la. Olhou para o perfumista e mordeu os dedos até deixá-los rotos. Disse: “Não há mais nada a falar depois do que vi, nem existe mais dúvida depois do que conheci”. E recitou a seguinte poesia:

“É este, é este do meu penar o começo,
de minha tristeza e paixão o sem-fim.
Depois do que vi, já não pode em mim
a alma ficar nenhum momento mais!
Por Deus, ó alma, diga adeus a este corpo
debilitado de tristeza e me deixe em paz”.

Em seguida, disse ao perfumista: “Fulano, você não me fez nenhum bem nem me conduziu a algo bom. Por que você não me deu a entender o estado da questão, a fim de que eu preparasse minha alma e a munisse de paciência para estas coisas, rumo às quais ela avança descontrolada?”. Suas lágrimas escorreram como um riacho, e ele ficou parado, como que aturdido, diante do perfumista Abū Alḥasan, que mais tarde contaria:

Eu disse ao jovem: “Não pretendi senão o seu bem. Temi dizer-lhe a verdade sobre ela e provocar-lhe grande tristeza. Sua ansiedade pela jovem era muito grande, e essa informação impediria que você pudesse vê-la. Tenha paciência, prepare os sentidos, acalme sua alma; não a rebaixe nem humilhe, mas fortaleça-a. A jovem se inclina por você”. Ele perguntou: “Afinal, quem é ela?”. Respondi: “É Šamsunnahār, concubina do califa Hārūn Arrašīd. Este local em que você se encontra é o seu novo palácio, conhecido como ‘Palácio da Eternidade’. Foi o meu stratagem que possibilitou reunir vocês dois aqui.⁶ Os bons resultados estão nas mãos de Deus altíssimo, a quem devemos pedir um feliz desenlace”. Nūrduddīn ‘Alī Bin Bakkār se quedou atônito por alguns momentos e me disse: “Saiba que o excesso de precaução impõe o amor pela alma e o desejo de

⁶ “Foi o meu stratagem que possibilitou reunir vocês dois aqui” é tradução de *wa qad amkanatni alḥila ḥattā jamma’tu baynakumā*. O trecho parece incoerente, uma vez que, aparentemente, não se verifica nenhuma influência do “stratagem” (*alḥila*) do perfumista na reunião dos dois jovens. Também parece incoerente a pergunta do jovem sobre a identidade da moça, uma vez que isso fora revelado antes.

preservá-la. Mas a minha já está perdida, sendo indiferente que se perca por uma paixão avassaladora ou pelas mãos de um soberano poderoso”, e se calou. E eis que a jovem prestava atenção nele, que se encontrava diante da portinhola do pavilhão. Os sinais do sentimento e do amor eram visíveis em ambos; os movimentos de cada um deles manifestavam o domínio da paixão e os sentimentos latentes; a língua da devoção mútua era o seu porta-voz, apesar do silêncio de ambos, e revelava seus segredos, apesar da mudez de ambos. Ela o contemplou por instantes, ele a contemplou por instantes. Então, ela ordenou às primeiras servas que retornassem aos seus assentos, e elas obedeceram; depois, fez um sinal para as meninas, e cada uma delas trouxe um assento e colocou-o diante das portinholas do pavilhão no qual estávamos; em seguida, ordenou às servas cantoras que se acomodassem em tais assentos, e elas obedeceram; finalmente, fez um gesto para uma delas e disse: “Cante”; ela afinou o alaúde e começou a recitar:

“Enamorado que anseia por enamorado:
no amor, seus corações são um só coração;
pararam diante do oceano da paixão
e beberam, pois suas águas são potáveis;
pararam e disseram, com as lágrimas
pelo rosto escorrendo:
‘a culpa é do destino, e
não de quem se apaixonou’”.

E imprimiu-lhe uma melodia que inquietava o indulgente e curava o adoentado. Atormentado com aquilo, ele se voltou para uma das jovens que estavam entre nós e lhe disse: “Cante estas minhas palavras:

‘Meu anseio muito se prolonga;
o choro me inflamou os olhos!
Ó sorte, ajude-me! Ó meu desejo,
ó minha busca extrema e minha fé!
Lamente aquele cujas partes se afogam,
com lições para o triste apaixonado;
entregue a devoção às suas entranhas:
longas paixões, longas lamentações’”.

E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. Dīnārzād disse à irmã: “Como é agradável e insólita a sua história”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que lhes contarei na próxima noite, se acaso eu viver e for preservada”.

Na noite seguinte ela disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que Abū Alḥasan contou:

Quando a jovem cantou com suave melodia os versos que o rapaz ordenara, Šamsunnahār voltou-se para outra jovem e lhe disse: “Cante por mim os seguintes versos:

‘Choro por quem, estivesse tão frágil quanto eu, choraria
[também;
por quem; tivesse um pouco de minha paixão, enlouqueceria.
A Deus somente peço, e a nenhum outro misericordioso,
a dádiva pela qual meu coração tanto, tanto sofreu.
Se a paixão e a dor que estão em mim estivessem
em humanos ou gênios, já se teriam extinguido os dois’”.

Delicadamente, ela executou a melodia, caprichou e tocou com excelência. Então, o rapaz disse a uma outra jovem: “Cante por mim os seguintes versos:

‘Atingido pelo que há em suas pupilas, ele suspirou,
a bela paciência o abandonou e ele se vergou;
estropiado, suas súplicas gemeriam entre todas as
pessoas se assim conseguisse obter seu desejo;
você tem um coração inflexível e um corpo
que parece um ramo de flexibilidade sem igual’”.

Então ela cantou e inovou, tornando, com seu fazer, a atividade mais delicada. Šamsunnahār suspirou profundamente e disse à jovem que estava mais próxima de si: “Cante”, e ela cantou a seguinte poesia:

“Se não estiveres ouvindo os suspiros
meus, e se desconheces o meu afeto,
então — por teu amor! — minha paciência acabou:
quanto tempo poderia durar a paciência,
ó dono do peito estreito para o calor de um coração
que, não fosses tu, estaria quase à mostra?”.

dos brios", fl
preferiu-se
teralmente
lura, ainda que
desajeitada
puls.

No decorrer desse canto, ambos se agitavam de emoção e demonstravam tanto sentimento e paixão que era um espanto. O jovem Nūruddīn ʿAlī Bin Bakkār inclinou-se para uma jovem próxima e lhe disse: "Cante, cante os seguintes versos:

“O tempo para o contato é mais curto do que este encarecimento e negação, pois tendes beleza, mas a negação não condiz com tamanha beleza”.

E o canto da jovem foi seguido das lágrimas abundantes do rapaz, e contínuos suspiros. Ao ouvir-lhe as palavras e ver-lhe as ações, a jovem Šamsunnahār não se conteve: avançou rumo ao pavilhão, enquanto ele avançava rumo à porta a fim de encontrá-la, com as mãos estendidas. Abraçaram-se junto à porta do pavilhão. Eu jamais vira dois seres mais belos do que eles, nem, antes daquilo, o sol abraçar a lua. As servas carregaram a ambos, cujos movimentos se tornavam débeis e cujas forças se esvaíam, e os conduziram ao ponto mais elevado do pavilhão; trouxeram água-de-rosas e pó de almíscar, aspergindo-os no rosto. Ficaram ali por alguns momentos até recobrar o ânimo e recuperar os sentidos.

[*Prosseguiu Šahrāzād:*] Šamsunnahār voltou-se à esquerda e à direita mas não avistou o perfumista Abū Alḥasan, que se escondera atrás dos assentos. Perguntou: "Onde está o perfumista?", e então ele se mostrou. Ao vê-lo, ela o saudou, deu-lhe boas-vindas e disse...

E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. Dīnārzād disse à irmã: "Como é agradável e insólita a sua história", e ela respondeu: "Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se acaso eu viver".

Na noite seguinte ela disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que a jovem Šamsunnahār agradeceu muito ao perfumista Abū Alḥasan ʿAlī Bin Tāhīr e lhe disse: "A sua benemerência atingiu o propósito e ajudará a lhe dar a devida recompensa. No arco dos brios,⁷ você não deixou uma só flecha; na prática de obséquios, você não deixou espaço para mais ninguém". Então ele baixou a cabeça, encabu-

lado, e rogou por ela, que se voltou para o jovem Nūruddīn ʿAlī Bin Bakkār e disse: "Na paixão, não houve nível que você não tenha superado, nem obstáculo que não tenha atravessado, meu senhor. Agora, não resta senão se submeter às determinações e decisões de Deus, e ter paciência para ver o que ele fará". O rapaz disse: "A união com você, minha senhora, e sua contemplação não podem apagar o fogo de meu sentimento nem afastar o que trago em mim. Já disse e continuo dizendo que não desistirei do seu amor senão com o aniquilamento de minha alma. O amor por você não partirá senão com a partida do meu coração". Então ambos choraram e soltaram lágrimas que pareciam pérolas espalhadas, e suas faces se avermelharam feito rosas múltiplas⁸ regadas pela chuva. O perfumista Abū Alḥasan disse a ela: "O caso de vocês é espantoso, e sua situação, curiosa e insólita; se juntos vocês choram assim, o que será então quando se separarem? Desfrutem a alegria e deixem de lado a tristeza e a perda, pois os amantes só conseguem passar juntos momentos furtivos e horas contadas". Ambos acalmaram o choro, e a jovem fez um sinal para a primeira serva, que saiu rapidamente e retornou trazendo duas pajens com uma grande mesa de prata, repleta de iguarias, que foi depositada diante deles. Šamsunnahār voltou-se para os hóspedes e disse: "Após o ardor, os jogos e as conversas, nada melhor do que folgar compartilhando o pão.⁹ Tenham a bondade de aproximar-se". Então eles se aproximaram, e Šamsunnahār começou a dar comida na boca do rapaz, e ele a ela, até que ambos comeram o tanto que quiseram. Em seguida, a mesa foi retirada e lhes apresentaram uma bacia de prata e uma chaleira de ouro. Lavaram as mãos e regressaram aos seus lugares. Šamsunnahār fez um sinal para a jovem serva, que se ausentou por alguns instantes e logo retornou acompanhada de três pequenas pajens carregando bandejas de ouro com vasilhas de cristal trabalhado contendo várias espécies de bebida. As bandejas foram colocadas diante deles, uma vasilha para cada um. Šamsunnahār ordenou a dez pajens que se postassem diante deles e a dez cantoras que os servissem, dispensando as restantes; depois encheu uma taça, voltou-se para uma das servas e disse: "Cante!", e a serva cantou recitando os seguintes versos:

8 A expressão "rosas múltiplas" traduz *abward almuḍa* "af.

9 A frase "Após o ardor, os jogos e as conversas, nada melhor do que folgar compartilhando o pão" traduz *lā yakūn baʿda-laḡḡā wa-lmumāzaḡa wa-lmuḡāraḡa illā-lmubāsata fi-lmumālaḡa*.

→ epigrafe

“Minh’alma por quem me respondeu sorrindo a saudação e renovou, depois da angústia, meus desejos de amar; quando aparece, a paixão se manifesta em meu peito e mostra aos censores o que está entre minhas costelas. As lágrimas dos olhos formam barreiras entre nós, pois elas compartilham comigo a paixão por ele”.

Então Šamsunnahār sorveu da taça, pegou outra, encheu-a de bebida, beijou-a e entregou-a ao seu amado Nūruddīn ʿAlī Bin Bakkār, que recolheu a taça e a beijou. Šamsunnahār ordenou a uma serva: “Cante!”, e ela cantou a seguinte poesia:

“Escorre-me a lágrima, e corresponde ao vinho:
meu olho bebe um símile do que a taça contém.
Por Deus que ignoro se foi a bebida que alisou
meus cílios ou se eu bebia minhas próprias lágrimas”.

E o jovem Nūruddīn ʿAlī Bin Bakkār sorveu da taça. Šamsunnahār pegou então uma terceira taça, encheu-a, beijou-a e entregou-a a Abū Alḥasan ʿAlī Bin Ṭāhir, que recolheu a taça de suas mãos e beijou-a. Ela estendeu a mão para o alaúde de uma das servas, subtraiu-o dela e disse: “Nesta rodada sou eu que vou cantar, e isso ainda é pouco perto do que você merece”. Pôs-se a cantar com arrebatamento e a recitar estes versos:

“Maravilhosas lágrimas por sua face escorrem,
e em seu peito o fogo da paixão lavra;
quando estão próximos, chora temendo que se afastem,
e por isso há lágrimas, próximos estejam ou distantes”.

Os dois quase flutuavam de emoção, envolvidos numa situação espantosa. O jovem sentiu-se uma ave cujas asas tinham sido seqüestradas por causa da voz dela, da qualidade de sua arte, da sua elevada categoria e da variedade de batidas nas cordas,¹⁰ e passou a balançar o corpo para a esquerda e para a direita até que se passou uma hora. Estavam nessa situação quando apareceu uma serva correndo; voava como abelha, trovejava como agitação de palmeira e disse: “Minha senhora, os servidores do comandante dos crentes estão à porta; são eles ʿAfif, Masrūr e Waṣif, e estão acompanhados de vários lacaios”. Ambos estiveram a ponto de morrer de tristeza e aflição, e se aniquilar de

medo e pânico. As luas de seu prazer se eclipsaram, sumiram as estrelas de sua felicidade e eles temeram que seu caso fosse descoberto. Mas a jovem Šamsunnahār riu...

E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. Dīnārzād disse à irmã: “Como é agradável e insólita a sua história”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se acaso eu viver e o rei me preservar”.

Na noite seguinte ela disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que o jovem Nūruddīn ʿAlī Bin Bakkār e seu companheiro, o perfumista Abū Alḥasan, ficaram temerosos ao ouvir o aviso da serva, mas Šamsunnahār riu e lhe disse: “Retenha-os por alguns momentos, até que possamos ocultar os vestígios do que ocorreu aqui”.

Mais tarde, Abū Alḥasan contaria:

Depois de se aproximar do jovem, ela se levantou a contragosto e ordenou que as portas do pavilhão fossem fechadas, bem como suas entradas e cortinas; fecharam-se as portas do pátio e ela foi até o jardim enquanto nós permanecíamos lá dentro; ordenou que as poltronas fossem retiradas e se mantivesse apenas a sua, na qual ela se acomodou, fazendo uma serva sentar-se diante de si e massagear-lhe os pés. Então, disse à outra serva: “Autorize-os a entrar”, e entraram os três, seguidos de vinte lacaios vestidos com as mais belas e formosas roupas, trazendo cinturões de ouro e armados de espadas. Saudaram-na da melhor maneira, ela lhes respondeu e os recebeu com sorrisos e honrarias. Dirigindo-se a Masrūr, ela perguntou: “Quais são as novas?”. Ele respondeu: “O comandante dos crentes lhe envia saudações e saudades, indaga a seu respeito e lhe informa que ele teve hoje um dia tão feliz que, para rematá-lo, será necessário passar a noite ao seu lado, aqui em seus aposentos, contemplando você. Portanto, prepare-se para a sua chegada e enfeite o palácio”. Então ela beijou o chão e disse: “Ouço e obedeço a Deus e ao comandante dos crentes”. Voltou-se para a serva e lhe ordenou que convocasse as aias, as quais logo apareceram e se espalharam pelos aposentos e pelo jardim, somente para mostrar aos serviçais do califa que ela estava cumprindo as ordens, pois o lugar estava perfeito em todos os quesitos, ornamentos, tapeçaria etc. Depois ela lhes disse: “Vão, com a proteção e a salvaguarda de Deus, e relatem

ao comandante dos crentes o que vocês viram, a fim de que ele espere um pouco, o suficiente para que o lugar seja forrado e sua mobília, arrumada".

Disse o autor: então eles saíram rapidamente. Šamsunnahār se ergueu e foi até o seu amado Nūruddīn e seu companheiro Abū Alḥasan, porque estavam ambos como pássaros assustados. Ela deu um forte abraço em Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār e chorou um choro lancinante. Ele lhe disse: “Ó minha senhora, esta separação constituirá um auxílio à minha aniquilação e ruína. Que Deus me dê resignação até o momento de poder contemplá-la ou então me forneça uma sobrevida depois que me separar de você”. Ela respondeu: “Você pelo menos sairá inteiro, com a sorte preservada, paixão protegida e escondida; os limites serão dados pelo estado em que você já se encontra. Quanto a mim, cairei em desgraça e má fortuna. O califa já está acostumado a coisas que, agora, a enorme paixão por você e a dor da separação me impedirão de fazer. Com que língua cantarei para ele? Com que coração ficarei ao seu lado e o lisonjearéi? Com que forças o servirei? Com que juízo conversarei com seus acompanhantes? Com que inteligência me desvelarei por eles a fim de agradá-lo?”. Abū Alḥasan disse a ela: “Eu a exorto a resignar-se e a munir-se, nesta noite, do máximo possível de paciência e firmeza, e Deus, com sua generosidade, irá reuni-los”.

Mais tarde, Abū Alḥasan contaria:

Estávamos nessa situação quando a serva de Šamsunnahār apareceu e disse: “Minha ama, os servidores do califa já vieram e a senhora continua aí parada?”. Šamsunnahār respondeu: “Ai de ti! Rápido, ajude-os a subir ao salão¹¹ que dá para o jardim, e esconda-os até que escureça; depois, faça-os sair e chegar em segurança à casa deles”. A serva disse: “Ouço e obedeço”.

Assim, Šamsunnahār despediu-se de ambos e saiu, embora não suportasse sequer se mexer. Sua serva conduziu os dois e os fez subir ao salão que, de um lado, dava para o jardim, e, de outro, para o rio Tigre. O lugar tinha muitos compartimentos, num dos quais ela os instalou e fechou a porta. Anoteceu.

E a aurora alcançou Šahrzād, que parou de falar. Dīnārzād disse à irmã: “Como é agradável e insólita a sua história”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se acaso eu viver e o rei me preservar”.

Na noite seguinte, Dīnārzād disse à irmã: “Conte-nos a história”, e ela respondeu: “Sim”.

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que a serva os instalou no salão e saiu. Quando anoiteceu, lá estavam os dois amigos naquela situação, dentro da residência do califa e sem saber o que lhes aconteceria nem como se safariam dali. Olhavam ambos para o jardim quando surgiram, repentinamente, mais de cem criados vestidos parecendo noivos, com roupas coloridas, cinturões de ouro e espadas. Cada criado conduzia um pequeno lacaio que trazia às mãos uma vela de cânfora. Ladeado por Masrūr e Waṣīf, o califa Hārūn Arrašīd se arqueava de embriaguez e torpor. Atrás dele vinham vinte servas que pareciam sóis, com as mais dignas vestimentas e jóias brilhando no pescoço e na cabeça. Foram recepcionados pelas servas de Šamsunnahār, que tangiam as cordas de seus instrumentos entre as árvores, tendo a sua senhora à frente. Ela beijou o solo e o califa lhe disse: “Que seja muito bem-vinda, ó vida mais agradável, ó alegria dos corações, ó felicidade”. E, apoiando-se na mão de Šamsunnahār, caminhou até a poltrona de prata, na qual se sentou. Foram trazidas para diante dele as outras poltronas, enfileiradas até a beira das piscinas. O califa ordenou que as suas servas se sentassem, e então elas sentaram cada qual em seu acolchoado. Šamsunnahār se acomodou numa cadeira bem à frente do califa, que contemplou o jardim por uma hora e depois ordenou que as portinholas do pavilhão fossem abertas. Espetaram-se à sua direita e à sua esquerda tantas velas que transformaram a escuridão em tardezinha e a noite em dia. Os criados puseram-se a trazer os apetrechos para bebida.

Mais tarde, Abū Alḥasan contaria:

Então eu vi pedras preciosas em tal profusão que nunca me passara pela mente ou pelas vistas. Imaginei que estava num sonho e que meu discernimento partira e meu coração entrara em colapso, enquanto Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār permanecia prostrado pela paixão, com os movimentos debilitados, vendo com os olhos contrariados o mesmo que eu via, e pensando com o coração adoentado o mesmo que eu pensava. Perguntei-lhe: “Você está vendo esse rei?”. Ele respondeu: “Nossa desgraça é vê-lo; estamos aniquilados, não há escapatória. Não serei aniquilado senão por uma única coisa que já me dominou: a paixão, a separação depois do contato, o medo, a impotência, a periculosidade do lugar e a impossibilidade de salvação. Somente em

no "Ġarām significa
"o",
noa" traduz o
lallamo iraquiano
rjyya, cuja forma
i, conforme Dozy,
ambārjyya.

Deus haverá ajuda para isso em que estou metido". Eu lhe disse: "Só resta esperar que Deus altíssimo proporcione alívio". Então ele tornou a olhar. Quando todas as coisas ficaram bem dispostas diante de si, o califa Hārūn Arrašīd se voltou para uma das servas que tinham vindo com ele e disse: "Cante, ó Ġarām",¹² e então ela movimentou o alaúde e cantou a seguinte poesia:

"Se o fluxo do choro marcas deixasse
de ervas, verde estaria a minha face.
Entre minhas lágrimas, uma primavera
esverdeada de pudor teria sido vertida,
e contudo poucas lágrimas seriam, ainda.
De mim se despede o meu resto de vida;
eu disse, vendo que o só conforto
seria a morte: 'seja muito bem-vinda'".

Continuou o autor: ambos olharam para Šamsunnahār, a qual, aborrecida, se reclinou tanto em sua cadeira que caiu. As servas a socorreram e carregaram. Abū Alḥasan ficou ocupado em observá-la, e mais tarde ele contaria: "Voltei-me para o seu amado, olhei para ele e eis que estava desfalecido, deitado de bruços, sem se mexer. O decreto divino foi generoso com eles e decidi coisas iguais para ambos". Aquilo fez com que o jovem ficasse exposto a terrível perigo. A serva de Šamsunnahār foi até os dois amigos e lhes disse: "Retirem-se, pois tudo está se complicando demasiado e eu temo que o mundo despenque sobre nós esta noite". O perfumista lhe perguntou: "E quem poderá levantar esse rapaz? Veja o seu estado!". A serva começou a aspergir água-de-rosas no rosto do jovem Nūruddīn 'Alī Bin Bakkār, e a friccionar-lhe as mãos, até que ele despertou. Seu amigo perfumista lhe disse: "Desperte agora antes de se destruir e nos destruir junto com você". Em seguida, ele e a serva carregaram-no e o desceram do salão. A serva abriu uma portinhola de ferro pela qual ambos saíram e foram dar num dique. Levemente, a serva bateu palmas e surgiu uma canoa¹³ conduzida por um remador, que atracou colado ao dique.

Mais tarde, Abū Alḥasan contaria:

Embarcamos na canoa enquanto o jovem amado de Šamsunnahār estendia uma das mãos na direção da residência e do palácio e colocava a outra sobre o coração, recitando com voz débil a seguinte poesia:

"Estendi para a despedida a palma débil,
com a outra sobre o calor de meu coração.
Não seja este o último de seus compromissos,
nem seja esta a última de minhas provisões".

Depois, o navegante remou conosco e com a serva a bordo.

E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. Dīnārzād disse à irmã: "Como é agradável e insólita a sua história", e ela respondeu: "Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se acaso eu viver e o rei me preservar, pois será mais espantoso e insólito".

Na noite seguinte ela disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que o rapaz recitou a poesia, o navegador remou e a serva se manteve com eles até que atravessaram o rio, chegando à outra margem. Desembarcaram em terra, e a serva se despediu deles dizendo: "Não posso ir com vocês além deste ponto", e foi-se embora, enquanto o rapaz se mantinha prostrado, sem conseguir levantar-se, diante de Abū Alḥasan, que lhe disse: "Meu senhor, estamos perdidos! Não estamos a salvo da cobiça de ladrões", e começou a censurá-lo e a adverti-lo. Depois de algum tempo, ainda sem conseguir andar, o rapaz levantou-se auxiliado pelo perfumista Abū Alḥasan, o qual, tendo amigos naquela região, dirigiu-se para a casa de um no qual confiava e a quem costumava visitar. Bateu à porta e rapidamente o homem atendeu. Ao vê-lo, o dono da casa ficou regozijante.

Mais tarde, Abū Alḥasan contaria:

O homem nos introduziu em sua casa. Quando nos vimos bem acomodados no local, ele perguntou: "Onde estava, meu senhor, e a uma hora dessas?". Respondi: "Eu tinha negócio com um sujeito, mas recebi a notícia de que ele pretende apossar-se do meu dinheiro e do dinheiro de outros. Então resolvi ir até ele à noite e pedi ajuda a este cavalheiro" – e, apontando para o jovem Nūruddīn 'Alī Bin Bakkār, continuei: "Levei-o comigo temeroso de que meus desígnios se evidenciassem para aquele homem e ele se escondesse de mim. A despeito de meus esforços, porém, não consegui localizá-lo nem obtive notícia alguma de seu paradeiro, e assim decidi retornar, mas, preocupado com

179^a
noite das histórias das
mil e uma noites

o extremo cansaço deste cavalleiro e sem saber que direção seguir, tomamos a liberdade de vir até sua casa, devido à confiança que sentimos em você”.¹⁴

Disse o autor: o homem se desdobrou para dignificá-los e se esforçou por servi-los; permaneceram em sua casa o restante da noite, e mal raiou a aurora foram para o rio; veio uma canoa, eles embarcaram, atravessaram até a outra margem, desembarcaram e chegaram à casa do perfumista Abū Alḥasan ʿAlī Bin Ṭāhir, o qual, mediante juras, fez questão da entrada do jovem Nūruddīn ʿAlī Bin Bakkār e foi atendido: o jovem se jogou no chão, prostrado de amor, cansaço e tristeza. Ambos se deitaram um pouco, mas logo acordaram. Abū Alḥasan ordenou que os tapetes fossem estendidos pela casa, e mais tarde contaria:

Pensei então: “Deixe-me distraí-lo e reconfortá-lo. Não ignoro o que sucedeu a ele e à sua amada, da qual teve de separar-se, e como esses fatos o deixaram mortificado”. Agradei a Deus por ter-me salvado daquele perigo, e distribuí esmolas pela facilidade que ele me concedera.¹⁵ Em seguida, o jovem Nūruddīn ʿAlī Bin Bakkār recobrou o ânimo e se sentou. Sentei-me e lhe disse: “Revigore-se”.

Disse o autor: então o jovem mandou trazer água, e esta lhe foi trazida; ele fez suas abluções e compensou as preces diurnas e noturnas; em seguida, tentou acalmar-se e distrair-se por meio de conversas. Ao notar-lhe tal comportamento, Abū Alḥasan aproximou-se dele e disse: “Meu senhor Nūruddīn ʿAlī Bin Bakkār, na situação em que se encontra é mais adequado passar esta noite aqui comigo, distraíndo-se, deleitando-se, aliviando a paixão e a ansiedade, acalmando a sua alma e divertindo-se conosco. Quiçá Deus não o alivia daquilo que está em você e daquilo em que você está”.¹⁶ O jovem respondeu: “Faça o que tiver planejado e eu não o impedirei”.

Mais tarde, Abū Alḥasan contaria:

Então convidei os seus criados e companheiros e mandei chamar uma cantora. Ficamos naquela situação até o anoitecer, quando se acenderam as velas e os momentos se tornaram agradáveis. A cantora cantou a seguinte poesia:

“O tempo me atingiu com uma flecha certa;
minha paciência se esgotou e abandonei os amados;
o tempo me humilhou e minha paciência escasseou;
antes disso, porém, eu era um homem calculista”.

[*Proseguiu Abū Alḥasan:*] Ao ouvir as palavras da cantora, Nūruddīn ʿAlī Bin Bakkār ficou desmaiado até a alvorada, só acordando depois que eu já me desesperara.

Disse o autor: o jovem pediu para retornar para sua casa, e Abū Alḥasan, temeroso das conseqüências, não teve como impedi-lo. O perfumista depois contaria: “Mas, quando o vi instalado em sua residência, agradei a Deus altíssimo, excelso seja o seu nome”. Abū Alḥasan tentou reanimá-lo, mas o jovem, sem conseguir controlar-se, não lhe abriu o coração nem a audição, e então o perfumista levantou-se e se despediu.

E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. Dīnārzād disse à irmã: “Como é agradável e insólita a sua história”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se acaso eu viver e o rei me preservar, pois será ainda mais insólito”.

Na noite seguinte ela disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que, ao se despedir do perfumista Abū Alḥasan, o jovem Nūruddīn ʿAlī Bin Bakkār lhe disse: “Meu irmão, quem sabe você não ouça alguma notícia de minha amada. Você já viu em que estado ela estava. É absolutamente imperioso averiguar a seu respeito”. Ele respondeu: “A serva dela necessariamente virá até nós e nós dará notícias sobre o caso”, e se retirou, dirigindo-se para o seu estabelecimento, onde ficou à espera de notícias, mas a serva de Šamsunnahār não apareceu. Naquela noite, ele foi para casa dormir. No dia seguinte, fez suas abluções e preces e foi para a casa do jovem Nūruddīn ʿAlī Bin Bakkār, entrou e o encontrou prostrado no colchão, cercado por pessoas de várias categorias. Havia médicos, cada um lhe receitando algo e medindo-lhe o pulso.

Mais tarde, Abū Alḥasan contaria:

Ao me ver, ele se esticou em minha direção, muito contente, e sorriu um leve sorriso. Saudei-o da maneira que a situação exigia, disse-lhe que sentia muito a sua falta e indaguei-o sobre o seu estado e como passara a noite. Fiquei sentado junto dele até que os presentes se retirassem. Então lhe perguntei: “O que aconteceu?”. Ele disse: “Os criados espalharam que eu estava doente. Sem forças, eu havia caído neste lugar, como você está”.

16 Até este ponto, o parágrafo, em conformidade com o procedimento adotado por Muhsin Mahdi, foi traduzido do manuscrito “Arabe 3612”, bem como o próximo parágrafo e a poesia que o segue.

I80^a

noite das histórias das mil e uma noites

vendo, e as pessoas vieram me visitar. Não pude impedi-los. Mas deixe isso para lá; você viu a jovem?”. Respondi: “Não, mas é bem possível que ela venha hoje”.

Disse o autor: então ele chorou copiosamente. Abū Alḥasan lhe disse: “Muito cuidado com o escândalo! Contenha o choro, oculte o seu estado e não revele a ninguém o seu segredo”. Mas o seu choro aumentou e ele recitou os seguintes versos:

“Ocultei a paixão, mas quando ela cresceu e amadureceram suas forças, as lágrimas propagaram o que eu escondia. Quando vi que as lágrimas anunciaram a minha paixão, soltei-lhe as rédeas, pois soltá-las é mais saudável, e revelei que, em verdade, minhas lágrimas escondiam uma paixão bem mais terrível e grandiosa”.

[*O jovem prosseguiu:*] “O destino me lançou numa desgraça da qual bem podia ter-me dispensado. Para mim, agora, não haveria nada mais reconfortante do que a morte, pois nela eu encontraria descanso do sofrimento e alívio para os meus males”. Abū Alḥasan lhe disse: “Não, Deus vai socorrê-lo e curá-lo. É a primeira vez que lhe acontece algo assim, e você não é a única vítima”. Conversaram por algum tempo e depois o perfumista se retirou e foi ao mercado. Abriu a loja e, antes que se sentasse, a serva de Šamsunnahār surgiu.

Mais tarde Abū Alḥasan contaria:

Cumprimentei-a. Sua beleza desaparecera e ela estava abatida. Eu lhe disse: “Seja muito bem-vinda! Meu coração e minha fala estão com você. Como está a sua senhora? Quanto a nós, sucedeu-nos isso e aquilo...”.

Disse o autor: e o perfumista lhe relatou tudo quanto ocorresse. Ela suspirou assombrada e disse: “Pois a minha patroa também está no pior dos estados. Quando vocês partiram, meu coração palpitava de ansiedade, pois eu não acreditava que se salvariam. Quando voltei, encontrei minha patroa prostrada na cúpula, sem responder às perguntas nem conseguir falar. O comandante dos crentes estava à sua cabeceira, sem ter quem lhe desse informações sobre o estado dela nem saber o que a acometera. Ela ficou nesse estado até o meio da noite, cercada de todos os lados pelas servas, que se dividiam entre felizes e chorosas. Depois ela despertou e o califa Hārūn Arrašid perguntou:

“Qual é o seu problema, Šamsunnahār?”. Quando lhe ouviu as palavras, ela beijou os pés do califa e disse: “Ó comandante dos crentes, faça-me Deus o seu resgate! Alguma mistura me fez mal e acendeu o fogo em meu corpo. Isso me fez cair sem perceber onde eu me encontrava”. Ele perguntou: “O que você ingeriu durante o dia?”, e ela mencionou coisas que não ingerira, fingiu ter forças, mandou trazer bebida, bebeu e pediu ao comandante dos crentes que retomasse a festa. Ele retornou ao seu lugar e lhe ordenou que se sentasse na cúpula e não se entediasse. Šamsunnahār assim agiu. Fui até ela, que me perguntou sobre vocês dois. Conteí o que lhes sucedera e recitei para ela a poesia de Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār, que a fez chorar. Então uma serva chamada Liḥāzul‘āšiq¹⁷ cantou os seguintes versos:

“Por vida minha que sem vocês a vida não tem graça!
Quem dera eu soubesse como estão vocês sem mim!
É lícito que, por tê-los perdido, eu chore sangue,
enquanto vocês choram lágrimas por ter-me perdido”.

Então Šamsunnahār tornou a cair da mesma maneira que caíra antes, e eu me pus a tentar reanimá-la.

E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. Dīnārzād disse à irmã: “Como é agradável e insólita a sua história”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se acaso eu viver e for preservada”.

Na noite seguinte ela disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que a jovem serva contou a Abū Alḥasan que ela se pôs a tentar reanimar a patroa, a friccionar-lhe os pés e a aspergir-lhe água-de-rosas no rosto até que Šamsunnahār acordou. A serva disse:

Eu disse a ela: “Nesta noite você vai se destruir, bem como a todos quantos vivem em sua residência! Pela vida do seu amado, você deve controlar-se e ter paciência, ainda que sendo revirada em brasa ardente”. Ela me disse: “E a questão comporta algo além da morte, que seria um descanso para alguém em meu estado?”. Estávamos nesse pé quando outra serva chamada Falaqumajjūr¹⁸ cantou a seguinte composição:

¹⁷ *Liḥāzul‘āšiq* significa, aproximadamente, “marca no olho do apaixonado”.

¹⁸ *Falaqumajjūr* significa “alvorada do abandonado”.

“Disseram: ‘Talvez à paciência preceda o conforto’.
Respondi: ‘E como ter paciência após a separação?’.
Pois o tratado entre mim e ele afirma a ruptura
das cordas da paciência quando eu o abraçar”.

Então minha senhora caiu desmaiada. O comandante dos crentes percebeu, correu rapidamente e observou que o seu sopro vital estava a ponto de abandoná-la. Ordenou que a bebida fosse suspensa e que cada serva se recolhesse a seu aposento. Ficou o restante da noite ao lado dela, que continuou no mesmo estado. Quando amanheceu, Šamsunnahār despertou e o comandante dos crentes convocou os médicos e ordenou que tratassem dela, ignorando a paixão e o enamoramento em que incidira e que a haviam acometido. Manteve-se ao seu lado até achar que ela melhorara, quando então foi para seu palácio, o coração preocupado com a doença dela, entregando-a aos cuidados de um grupo de servas e camareiras. Mal raiou a manhã, ela determinou que eu viesse até você a fim de obter notícias sobre o cavalheiro Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār”.

Disse o autor: ao ouvir as palavras da serva, Abū Alḥasan lhe disse: “Eu já fiz você saber o estado em que ele se encontra. Cumprimente a sua senhora, cuide muito bem dela e empenhe-se em manter em segredo o seu estado. Eu deixarei o jovem a par das palavras dela que você me transmitiu”. A serva agradeceu a Abū Alḥasan, despediu-se e foi embora.

Mais tarde, Abū Alḥasan contaria:

Passei o restante do dia vendendo e comprando. Depois, fui até a casa do jovem; entrei e eis que ele ainda estava como eu o deixara. Saudou-me, demonstrou alegria com minha presença e disse: “Não lhe envie ninguém, meu senhor, para tornar as coisas um pouco mais leves, uma vez que eu lhe impus um peso do qual depende a manutenção do meu sopro vital, pelo resto da minha vida e até o fim de meus dias”. Eu lhe respondi: “Deixe disso. Se fosse possível dar a própria vida em resgate, eu daria a minha por você; se fosse aceita a proteção com os olhos, eu daria os meus para protegê-lo. A serva veio falar comigo”.

Disse o narrador: Abū Alḥasan lhe transmitiu as informações que ela lhe dera. Aquilo foi muito penoso para o jovem; pareceu-lhe demasiado, e ele se afligiu, suspirou e chorou dizendo: “Qual será a estratégia ante essa enormidade?”. Pediu a Abū

Alḥasan que dormisse em sua casa, e este assim agiu. Mas o perfumista era de pouco dormir: logo alvoreceu e ele saiu dali e foi para a sua loja, em cujas proximidades topou com a serva em pé a aguardá-lo. Ao vê-la, não abriu a loja; foi em direção à serva, que lhe fez um gesto como cumprimento, transmitiu as saudações de sua patroa e perguntou: “Como está o cavalheiro Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār?”. O perfumista respondeu: “Continua na mesma. Como está a sua patroa?”. Ela respondeu: “Na mesma, e até pior. Ela escreveu um papel ao cavalheiro Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār, entregou-o a mim e me disse: ‘Leve esta mensagem e proceda de acordo com as determinações de Abū Alḥasan’”.

Mais tarde, Abū Alḥasan contaria:

Fiz então o caminho de volta para a casa do rapaz, seguido pela serva, até que cheguei à sua casa e entrei.

E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. Dīnārzād disse à irmã: “Como é agradável e insólita a sua história”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se acaso eu viver e for preservada”.

Na noite seguinte ela disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que, tendo a jovem serva ido até Abū Alḥasan, ele a levou até a casa de Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār, entrou e deixou-a num canto. Ao vê-lo, o rapaz perguntou: “Quais são as novas?”. Abū Alḥasan respondeu: “Tudo bem; o seu amigo fulano de tal enviou-lhe a serva com um papel falando da falta que você lhe faz e justificando o motivo de não ter vindo visitá-lo; é uma questão que você verificará. Autoriza a serva a entrar?”, e lhe lançou uma piscadela. O rapaz respondeu: “Sim”, e então um criado saiu e a trouxe para dentro. Ao vê-la, o rapaz a reconheceu e se agitou, demonstrando felicidade com a sua chegada; perguntou por meio de sinais: “Como está aquele senhor, que Deus o cure e recupere?”, e ela retirou o papel e estendeu para ele, que o recolheu, revirou, leu e entregou a Abū Alḥasan com as mãos trêmulas.

Mais tarde, Abū Alḥasan contaria:

Abri o papel e eis que nele estava escrito:

182^a

noite das histórias das
mil e uma noites

“Deus é o maior

‘Peça ao meu enviado que lhe dê notícias minhas e contente-se com o recado em vez do olhar; você deixou um coração úmido de saudade e afeto, e olhos que procuram a cura na insônia; arme-se de paciência na desgraça, pois ninguém pode evitar as decisões do destino.

Tranqüilize-se, pois você não se moverá do meu coração nem sairá de minha visão; olhe para o seu corpo, no qual se planejou o sentimento e conclua a partir dos vestígios’.

Conquanto eu lhe escreva, meu senhor, com as pontas dos dedos, me pronuncie com a língua e me manifeste com eloqüência, eu me exprimo com um coração humilhado, e garra que, não fosse a ambição de agarrá-lo, teriam desistido, e membros que, não fosse o anelo de que o sofrimento causado pela separação de você será superado, teriam cessado de procurar o objetivo. O testemunho sobre a minha situação dispensa explicações, e minha condição, em resumo, é que tenho um olho do qual a insônia não se desprega, uma mente que a angústia não abandona, um peito do qual o tormento não se separa, um coração que não se livra do transtorno e desígnios que só esbarram no que fere ou é ferido, e não passam senão por um fígado destrocado e ulcerado. Nunca presenciei cenas magníficas nem tive uma vida feliz! Quem dera eu esquecesse e fosse esquecida! Eu não me queixaria senão para algum queixoso, nem choraria senão para algum choroso. E digo:

‘Ó dor, não satisfiz o meu desejo por vocês, nem gozei suficiente contato e aproximação, pois fomos separados logo em seu início; por vocês e para sempre, eis meu lamento vazio’.

Que Deus altíssimo produza alegria por meio do encontro e da reunião de todos os amantes. Envie-me as suas palavras para que eu as faça minhas companheiras e possa desfrutar de sua resposta, que me servirá de auxílio e doce companhia, e também para que eu consiga ter uma bela paciência até que Deus facilite um encontro. Saudações a Abū Alḥasan”.

Mais tarde, Abū Alḥasan contaria:

Li palavras que produziriam anseios mesmo num coração vazio, quanto mais num cheio; palavras que fariam estacar um perplexo. Estive a ponto de manifestar tais sentimentos, mas me contive envergonhado, ocultei tudo e disse ao jovem Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār: “O escriba dela foi muito bem, emocionou, anelou e fê-la exprimir-se com hábeis palavras. Aprese uma resposta bem engenhosa!”. Ele respondeu com voz débil: “Com que mão escreverei? Com que língua chorarei e me lamentarei? Debilidades se acumulam sobre a minha debilidade, e mortes sobre a minha morte”. Em seguida, sentou-se, tomou um papel com as mãos e disse...

E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. Dīnārzād disse à irmã: “Como é agradável e insólita a sua história”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se acaso eu viver e o rei me preservar”.

Na noite seguinte ela disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que o jovem Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār tomou um papel com as mãos e disse a Abū Alḥasan: “Abra a carta para mim”, e ele o fez. O jovem se pôs ora a olhar para a carta, ora a escrever por alguns momentos, ora a chorar, até que realizou o que pretendia e entregou o papel a Abū Alḥasan dizendo: “Leia e depois envie para a jovem”.

Mais tarde, Abū Alḥasan contaria:

Tomei a carta e a li, e eis o que ela continha:

“Em nome de Deus, misericordioso, misericordioso

‘Uma carta de anelos veio da lua ofertar sua luz para a minha vista, ampliando sua beleza aos olhos do leitor, como se suas palavras fossem flores; tornou um pouco mais leve o meu penar e os pesados danos que me tocaram. Meu senhor, chamem-no! É algo que deixa o coração entre a compaixão e o alerta. Meu afeto exagerado não lhe é segredo, nem minha enorme paixão pode ser ocultada. Meu coração e este meu flanco no fogo da paixão

183^a
noite das histórias das
mil e uma noites

Resposta de mim

choram, e este outro, devido às noites em claro, se dissolve. Nem a torrente de minhas lágrimas cessará, nem o fogo da paixão se apagará com brasas. Pelo amor que tenho por vocês, e pelo respeito que espero, não acrescentarei mais notícias, nem desviarei a paixão desta alma miserável para ninguém depois de ter me separado de vocês'.

Chegou sua mensagem, minha senhora, dando conforto a um espírito fatigado pelo sentimento e pela paixão, e levando a cura a um fígado ferido e ulcerado pelo torpor e pela fraqueza. Fez uma língua falar depois da mudez e causou regozijo depois de silenciosa reflexão, aliviando o observador de seu bosque florescente. Quando compreendi o conteúdo de sua mensagem e ponderei suas palavras e sentidos, regoziquei-me na mesma medida em que ia compreendendo e meditando. Li a mensagem pela segunda vez, e ela me reconfortou com o que traduziu e esclareceu; eu nunca havia visto uma arte tão bem elaborada, e souffro com a dor da separação em seus diversos gêneros e formas, acumulação de fraquezas e multiplicação da paixão; a emoção se autoalimenta e o anelo se amplifica. Poesia:

'O coração está amargurado, o pensamento, combalido, o corpo, fatigado, e o olho passa a noite em claro; a paciência se esvai e o abandono é constante; o peito foi transtornado e a razão, subtraída; em suma, depois do seu distanciamento, eu em todas as minhas queixas estou derrotado'.

Não será esta queixa que apagará o fogo da desgraça, mas ao menos justificará aquele que foi derrotado pela paixão e aniquilado pela separação, até que um encontro deite um pouco de água à sua sede, e a cura aclare o seu caminho. Saudações”.

Disse Abū Alḥasan:

Suas palavras revolveram a perturbação em que eu me encontrava, atingiram meus órgãos vitais, fizeram escorrer-me lágrimas que não pude conter senão após um exaustivo esforço e agitaram meu coração, que não consegui aquietar senão após

a paixão e a enfermidade. Entreguei a carta à serva e, quando ela a recolheu, Nūrūddīn ‘Alī Bin Bakkār lhe disse: “Aproxime-se de mim”, e ela assim agiu. Ele então lhe disse: “Transmita a ele os meus cumprimentos e faça-o saber de minha debilidade e fraqueza, e que o amor por ele se imiscuiu em minha carne e ossos. Informe-o que sou um pobre a quem o tempo persegue com suas desgraças. Será que quem voar conseguirá se livrar?”¹⁹, e suas palavras foram seguidas de choro. Também choramos, a serva e eu; a serva se despediu e saiu, alterada pelo choro.

Abū Alḥasan se retirou junto com a serva e a acompanhou até um pedaço do caminho, quando então se despediu e tomou o rumo de sua loja.

E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. Dīnārzād disse à irmã: “Como é agradável e insólita a sua história”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se acaso eu viver e o rei me preservar”.

Na noite seguinte ela disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que, após a serva ter se despedido e partido, Abū Alḥasan retornou à sua loja com o coração oprimido e, assaltado pela reflexão a respeito de seus interesses e de quanto os sacrificara por causa dos dois enamorados, teve certeza de que se destruiria entre ambos e seu negócio iria à falência, inteiramente exposto às más conseqüências que poderiam advir a eles, e nesse estado permaneceu por todo o seu dia e sua noite. Na manhã seguinte, foi até Nūrūddīn ‘Alī Bin Bakkār, entrou e eis que, conforme o hábito, havia pessoas junto a ele. O perfumista esperou até que todos se retirassem, foi até o jovem, perguntou-lhe sobre seu estado e ele se pôs a lamuriar-se. Abū Alḥasan lhe disse: “Ei, fulano! Nunca vi nem ouvi falar em ninguém como você em seu amor. Toda essa emoção, debilidade de movimentos e parca atividade ocorrem quando o amado não é sincero, quando o namorado não corresponde. Mas você não se apaixonou senão por quem também está apaixonado por você, nem procura o contato senão de quem também procura o seu. Como seria então caso se apaixonasse por alguém divergente e procurasse o contato de quem o abandonasse e se entregasse a algum enganador? Se você continuar nesse estado, sua história vai se revelar e a lua que o protege se eclipsará. Força, levante-se, converse com as pessoas,

¹⁹ “Será que quem voar conseguirá se livrar” traduz a enigmática frase coloquial *hal man yiḥīr yiḥawadhū*. O manuscrito “Arabe 3612” traz: “Quem me livrará de suas desventuras?”. Note-se que, para despistar, Nūrūddīn se refere a Šamsunnahār no masculino.

cavalgue, exercite-se e faça o seu coração aprender, pois caso contrário você estará inevitavelmente aniquilado”.

Mais tarde, Abū Alḥasan contaria:

Então ele aceitou as minhas palavras e agiu conforme eu dizia, agradecendo-me por tudo da maneira pela qual eu já o conhecia. Despedi-me e retornei para a minha loja. Eu tinha um amigo joalheiro que estava a par de minha situação e sabia das minhas relações com Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār. Ele costumava visitar-me na loja, e, naquele dia, logo após chegar, ele perguntou sobre a jovem, mas eu dissimulei e disse que ela desaparecera: “As últimas notícias a respeito foram as que lhe dei, e não escondi de você senão aquilo que só Deus sabe e eu ignoro. E ontem eu percebi que algo está ocorrendo comigo, e agora passo a expor-lhe o que foi: saiba que eu sou um mercador conhecido e tenho muitos negócios com homens e mulheres de elevada condição. Não estou seguro de que o caso dos dois não se revele e nisso esteja também o motivo de minha aniquilação, da expropriação de meus bens e da humilhação de meus filhos e familiares. Não posso deixar de me importar com eles depois de tão agradável convivência. Assim, adotei o alvitre de liquidar meus negócios, pagar minhas dívidas, interromper minhas atividades e mudar para Basra, onde me estabecerei para esperar a resolução desse caso e o que Deus decidirá a respeito, de modo que ninguém me informe. O amor tomou conta dos dois e não será extirpado senão com a destruição da vida de ambos. A intermediária entre eles é uma serva que lhes guarda o sigilo, mas quem pode garantir que ela não se aborrecerá e que o caso deles não lhe provocará dificuldades que a façam revelar tal segredo? Assim, o caso será divulgado e levará à morte, e o que eu precipitadamente fiz por eles também me conduzirá à destruição e morte. Amanhã já não terei desculpas perante Deus nem perante os homens”.

O seu colega joalheiro disse-lhe: “Você está me dando uma notícia gravíssima, de amedrontar o inteligente e preocupar o clarividente superior. Meu parecer é o mesmo que o seu. Deus o livre daquilo que você teme e o assusta, e que ele lhe dê as melhores recompensas”.

Mais tarde, o joalheiro contaria:

Ele me fez guardar segredo do que me revelara nessa conversa.

E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. Dīnārzād disse à irmã: “Como é agradável e insólita a sua história”, e ela

respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se acaso eu viver e for preservada”.

Na noite seguinte ela disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que, após ter conversado e feito aquelas confidências ao joalheiro, [as coisas se precipitaram para] o perfumista. Mais tarde, ele mesmo contaria: “Quando dei pela coisa, eu já havia resolvido todas as pendências e imediatamente segui viagem”. Quanto ao joalheiro, após quatro dias ele foi visitar o perfumista Abū Alḥasan ‘Alī Bin Ṭāhir e encontrou o seu estabelecimento fechado.

Mais tarde, o joalheiro contaria:

Elaborei, então, uma artimanha para chegar até Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār. Fui até a casa dele e disse a um de seus criados: “Peça permissão para que eu veja o seu amo Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār”. Ele concedeu a permissão e então eu entrei, encontrando-o deitado sobre a almofada. Ao me ver, com algum esforço se pôs de pé, recebeu-me com a fisionomia serena e me deu boas-vindas. Cumpri minha obrigação de visita de enfermo e me desculpei pela tardança. Ele me agradeceu efusivamente e disse: “Talvez você tenha sido impedido por alguma necessidade ou por compromissos pessoais”. Respondi: “Saiba que entre mim e o perfumista Abū Alḥasan, que Deus o preserve e proteja, há amizade, negócios, convívio e afeição já faz algum tempo. Depositário de minhas confidências, eu o freqüentava, resguardando o que de ruim lhe sucedia e mantendo ocultas as suas confidências. Mas há alguns dias eu o negligenciei por causa de um grupo de companheiros, e quando retornei a ele, conforme o costume, encontrei sua loja fechada. Um de seus vizinhos me disse que ele se mudou para Basra devido a negócios dos quais tinha de cuidar pessoalmente, mas não acreditei em tais palavras. Como eu não tenho conhecimento de uma amizade tão grande quanto a existente entre vocês dois, eu lhe peço que, caso você saiba se isso é verdade, deixe-me a par de uma vez por todas, pois eu vim até aqui por sentir falta dele, para desculpar-me com você e para obter esclarecimentos”. Ao ouvir minhas palavras, as cores de Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār se alteraram e seu ser se transtornou. Ele disse: “Eu não havia ouvido nada disso antes de você falar. Ele não me contou nada que pudesse justificar isso. Se a questão for mesmo como você afirmou,

185^a

noite das histórias das mil e uma noites

então ele terá me abandonado, me transtornado, destruído o meu valimento e me exaurido”. Em seguida, sufocado pelas lágrimas, pôs-se a recitar e disse os seguintes versos de poesia:

“Quando eu chorava meus passados tropeços,
aqueles de meu afeto não estavam dispersos.
Hoje, porém, que deles me apartou o meu
destino, choro por quem eu tanto amava.
O que é a vida de um homem cujo pranto
se divide entre quem vive e quem já morreu?”.

E, após permanecer alguns momentos cabisbaixo e reflexivo, ergueu a cabeça para um de seus criados e lhe disse: “Vá até a casa de Abū Alḥasan ‘Alī Bin Ṭāhīr e pergunte se ele ainda mora lá ou se partiu, conforme se contou. Informe-se sobre qual direção ele tomou e para que lugar viajou”. E o criado se retirou.

O joalheiro, que ficou conversando com Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār, mais tarde contaria:

Conversamos por algum tempo. Ele estava aturdido: ora prestava atenção em minha conversa, ora se distraía, ora conversava, ora pedia esclarecimentos. Logo o criado retornou e disse: “Amo, perguntei sobre o perfumista e alguns de seus parentes me informaram que ele viajou para Basra há dois dias. Vi também uma jovem parada à porta de sua casa perguntando sobre ele. Quando me viu, reconheceu-me, embora eu não a tenha reconhecido, e me indagou: ‘Você é criado de fulano?’. Respondi: ‘Sim’. Então ela alegou que tinha para você uma mensagem de uma das pessoas que lhe são mais caras. Agora, está parada à porta”. Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār disse: “Faça-a entrar”.

Então entrou uma bela jovem, acima de qualquer descrição, conforme o perfumista Abū Alḥasan ‘Alī Bin Ṭāhīr tinha dito. O joalheiro a reconheceu pelas palavras que a seu respeito lhe dissera o perfumista. Ela avançou e cumprimentou Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār.

E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. Dīnārzād disse à irmã: “Como é agradável e insólita a sua história”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se acaso eu viver e o rei me preservar, pois será ainda mais insólito”.

Na noite seguinte ela disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que, após ter entrado, a jovem serva cumprimentou Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār, aproximou-se e conversou com ele em segredo. Enquanto a jovem falava, ele jurava e asseverava não saber nada daquilo. Depois ela se despediu e saiu, deixando-o ensandecido, como se estivesse queimando em fogo.

Mais tarde, o joalheiro contaria:

Tendo logrado enfim uma boa oportunidade para me abrir, eu disse: “Não resta dúvida de que você tem interesses na residência do califa, ou de que entre você e as pessoas de lá existem negócios”. Ele perguntou: “E o que o fez saber disso?”. Respondi: “O conhecimento que tenho sobre aquela jovem”. Ele perguntou: “A quem ela pertence?”. Respondi: “Pertence a Šamsunnāhār, a concubina mais querida do califa Hārūn Arrāšīd. Ele não tem nenhuma mais inteligente, nem mais forte, nem mais livre, nem mais ativa. Há alguns dias, essa serva me mostrou uma mensagem que ela alegou suspeitar ter sido encaminhada à sua patroa por uma de suas aias”.

Em seguida, o joalheiro falou a Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār sobre o verso e a prosa contidos na mensagem. O jovem ficou muito transtornado, deixando bastante penalizado o joalheiro, que mais tarde contaria:

Foram tamanhos os sinais de transtorno que eu temi por sua vida. Mas logo ele me disse: “Eu lhe peço, por Deus, que me diga a verdade sobre como você a conheceu”. Respondi: “Deixe disso”. Ele continuou: “Não sou do tipo que o deixará em paz, salvo se me disser a verdade”. Respondi: “Para que não parem suspeitas contra mim, nem sobrevenham discórdias entre nós; para que não lhe ocorram ilusões, nem o abatimento o invada; para que não o domine a vergonha, nem o capture o medo, nem se lhe oculte nenhum segredo, eu juro por Deus que nunca exporei nenhum segredo seu, nem revelarei nada enquanto viver; não o enganarei em situação alguma, nem lhe pouparei meus bons conselhos”. Ele disse: “Conte-me a sua história”, e então eu lhe contei minha história do começo ao fim e emendei: “Não fiz isso senão devido ao meu afeto e zelo por você, e piedade por seu coração. Decidi oferecer-lhe minha alma e meu dinheiro, ser seu companheiro depois da partida do perfumista, ser seu principal auxiliar dentre todos os seus fiéis companheiros, preservando-lhe o segredo e confortando-lhe o coração e o

peito. Esteja calmo e seguro”, e renovei aquelas juras. Ele respondeu muito bem e disse: “Não sei o que lhe dizer, senão que o deixo por conta de Deus altíssimo e por conta de seus brios”, e em seguida recitou:

“Se eu disser que depois de seu afastamento estou paciente, minhas lágrimas e imensos soluços serão o que me desmente. Quem dera eu tivesse certeza de que minhas lágrimas correm devido à distância de um querido ou separação de um amado. Minhas faces não param de jorrar lágrimas devidas à distância de quem já está distante ou pela partida de quem é achegado”.

E se calou por alguns momentos. Depois perguntou: “Porventura você sabe o que a jovem me disse?”. Respondi: “Não”. Ele disse: “Ela alegou que fui eu que sugeri a Abū Alḥasan ‘Alī Bin Ṭāhir que partisse, e o tornou cúmplice desse suposto plano. Insistiu nessa opinião, sem aceitar minhas palavras nem parar de me censurar. Agora já não sei o que fazer, pois ela o ouvia, apreciava a companhia dele e aceitava as suas palavras”. Eu lhe disse: “Se você aceitar a minha maneira de encarar as coisas, eu irei livrá-lo de preocupações quanto a isso”. Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār me perguntou: “E como isso poderia ser feito, se ela consegue escapar até de um animal selvagem?”. Respondi: “Envidarei o meu máximo esforço para auxiliá-lo e apoiá-lo. Lançarei mão de todos as artimanhas sem revelar segredos, nem provocar sustos, nem gerar prejuízos, com a boa ajuda de Deus altíssimo, sua boa benevolência e bela providência. Não angustie o seu coração! Por Deus que não pouparei nenhum esforço para tornar possível aquilo por que você tanto anseia”, e pedi-lhe autorização para sair. Ele disse: “Você deu uma contribuição generosa e me ajudou de maneira engenhosa e rápida, meu senhor! Você compreende o que eu desejo; utilize, portanto, suas relações para estabelecer o contato; faça de sua companhia uma dádiva, da guarda do segredo o seu brio e da ligação o seu ofício”, e me abraçou; beijei-o e nos despedimos.

E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. Dīnārzād disse à irmã: “Como é agradável e insólita a sua história”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se acaso eu viver e o rei me preservar, pois será ainda mais insólito”.

Na noite seguinte ela disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que o joalheiro disse:

Então me despedi e saí, sem saber para onde ir nem em que me apoiar. Não consegui imaginar como preparar uma artimanha para a jovem perceber que eu sabia do caso entre ambos. Pus-me a caminhar e refletir e eis que encontrei uma carta jogada no meio do caminho. Recolhi-a, abri-a e eis que o seu escrito dizia:

“Em nome de Deus, misericordioso, misericordioso.”

‘Veio o mensageiro trazer novidades e renovar anseios; eu supunha que tais coisas eram simples devaneios; não fiquei feliz, mas sim muito mais entristecido, ao saber que o mensageiro nada havia compreendido’.

Eu o faço saber, meu senhor – e que Deus o preserve e não rompa os laços de confiança nem de afabilidade –, que, se acaso o delito foi perpetrado por você, eu o devolverei com lealdade; se acaso a fidelidade fugiu de você, eu a guardarei com paciência e ardor. Embora aquele amigo haja partido levando junto o seu alento, você já obteve outro amado, protetor de seu segredo e guardião de seu peito e coração. Não sou o primeiro que se debilita por ter perdido o caminho, nem o primeiro que deseja algo, tendo contra si, porém, a oposição do destino ao que ama e deseja. Que Deus altíssimo decida, em prol da alma, por um rápido alívio e salvação não distante. Passe bem”.

[*Continuou o joalheiro:*] Enquanto eu lia a mensagem, espantado e tentando imaginar de quem ela caíra, eis que aquela serva apareceu assombrada e perplexa, voltando-se à direita e à esquerda e esquadrinhando o chão; ao ver a mensagem em minhas mãos, seguiu-me, avançou até mim e disse: “Meu senhor, essa mensagem caiu de minhas mãos; por favor, faça a gentileza de me devolver”. Não lhe dei resposta e me pus a caminhar, com ela atrás de mim, até que cheguei à minha casa; entrei e ela entrou comigo. Quando me sentei, ela me encarou e disse: “Ei, você! Que eu saiba, essa mensagem não lhe trará nenhum proveito; você nem sequer sabe quem a enviou, nem para onde levá-la. O que o leva, portanto, apegar-se a ela e a evitar entregá-la?”. Respondi: “Sente-se, cale-se, tranqüilize-se e escute”. Tão logo ela se sentou, eu lhe disse: “Esta não é a caligrafia de

Essa fala é de
ensão muito difícil.
ção procurou se
não raro
ente, no manuscrito
3612”.

sua patroa Šamsunnahār, enviada para Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār?”. Sua face se ensombrecou e, irritada, ela disse: “Ele vai nos expor e a si próprio ao escândalo! Já o vejo dominado pela paixão, afundado nos mares do desvario, queixando-se de seus sofrimentos a amigos e fraternos companheiros sem atentar para as conseqüências do destino nem para quem a verdade dos fatos estará confiada!”, e se levantou para sair. Calculando que sua partida naquelas condições poderia ser desabonador para Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār e acabaria por conduzi-lo à morte, eu disse a ela: “Ei, você, os corações das pessoas testemunham uns pelos outros. O homem consegue desmentir e negar qualquer coisa que pretenda manter em segredo, salvo a paixão – da qual ele se sente muito necessitado de falar e socorrer-se em opiniões a respeito de seu penar, e que, ademais, apresenta sinais e testemunhos que a demonstram e denunciam. O perfumista Abū Alḥasan foi acusado de coisas das quais posteriormente se evidenciou a sua inocência, e se fizeram suposições que logo se mostraram baldadas. Quanto a Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār, ele não revelou nenhum dos segredos entre vocês, nada deixou entrever, nem praticou nenhuma ação reprovável. As palavras que você falou a seu respeito são degradantes e sua suposição é muito feia. Mas eu lhe revelarei algo que irá tranquilizá-la, acalmar o seu peito, aquietar as suas preocupações e desculpá-lo perante você, mas somente depois que eu estiver plenamente seguro e você me prometer que não me esconderá nada do que ocorre entre vocês. Serei eu o guardião desse segredo: terei paciência na adversidade, aplicar-me-ei em cumprir as prerrogativas do amigo e agirei conforme as condições impostas pelo brio e hombridade em tudo quanto eu realize e nas tarefas de que me encarregarem”. Minhas palavras fizeram-na suspirar e ela disse: “Nenhum segredo que lhe for confiado será perdido, nem se verá frustrado aquele de quem você cuidar e acompanhar. Eu lhe confiarei um tesouro que não poderá ser mostrado senão ao seu proprietário, nem deverá ser entregue senão ao seu destinatário. Agora fale e seja afável; se porventura o seu discurso trazer a verdade, Deus e seus arcanjos servirão como testemunhas”.²⁰

E a aurora alcançou Šahrzād, que parou de falar. Dīnārzād disse à irmã: “Como é agradável e insólita a sua história”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se acaso eu viver e o rei me preservar”.

Na noite seguinte ela disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que a jovem serva disse ao joalheiro: “Se o seu relato transmitir o que de fato tiver ocorrido,²¹ Deus é testemunha de que eu depositarei o segredo com você e o farei seu guardião e encarregado”.

Disse o narrador: então o joalheiro lhe falou do mesmo modo que havia falado ao jovem Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār, e agiu tal como ele havia agido em relação ao perfumista Abū Alḥasan, conforme o joalheiro mais tarde contaria:

Contei tudo, inclusive como, gradualmente, levei o perfumista a me revelar o segredo e como me introduzi junto ao jovem Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār. E continuei: “O fato de ter a mensagem caído de suas mãos é um indício dos meus bons propósitos quanto a esse assunto, pois me repugnaria ter ido atrás da folha, e tê-la encontrado me espantou”. E lhe garanti por meio de juras e promessas que preservaria o segredo dos dois enamorados, e também a fiz jurar que ela não me esconderia nada sobre ambos. Ela pegou a mensagem, selou-a e me disse: “Direi a ele: ‘A mensagem me foi entregue selada; quero a resposta igualmente selada com o seu selo, a fim de me livrar dessa intermediação entre vocês dois’, pegarei a resposta e a trarei até você antes de regressar à minha patroa”. E, despedindo-se, partiu deixando o meu coração em chamas por sua causa. Não se passou nem uma hora e já ela retornava trazendo uma mensagem selada na qual estava escrito:

“Em nome de Deus, misericordioso, misericordioso.”

‘O mensageiro com quem nossos segredos estavam guardados falou e se encolerizou. Arranjem-me outro mensageiro de confiança, que considere bela a veracidade e não a mentira’.

Não cometi nenhuma traição nem dissipei confiança alguma; não contradisse nenhuma promessa nem rompi afeto algum; não me separei da tristeza e só encontrei, depois da nossa separação, o aniquilamento; não sei nenhuma notícia de quem vocês estão falando nem lhe vi rastro algum. Aquilo por que eu anseio é reunir-me com você, porém a realização deste meu anseio se distancia. Desejo um encontro, mas onde está a possibilidade que este apaixonado tem de realizar

²¹ “Se o seu relato transmitir o que de fato tiver ocorrido” é tradução de *in ana jita bilḥadiṭi ‘alā jalīyyatihi*, literalmente, “se você trazer a história (*ḥadiṭi*) em sua verdade”, frase em que a palavra *ḥadiṭi* funciona como “narrativa” e “ocorrência”.

ora pareça
límo, "classe
é tradução de *awāṭ*
geralmente,
dianos (no sentido
entre os homens".

seu desejo? Vocês podem inferir minhas notícias através da minha aparência, meu íntimo através da minha situação, e meu estado através de minhas palavras. Adeus".

Mais tarde, o joalheiro contaria:

Aquela mensagem, com as palavras que continha, me fez chorar. Acompanhando-me no choro e nos sentimentos, a serva me disse: "Não saia de casa nem se encontre com ninguém até que eu venha amanhã. Ele suspeitou de mim, justificadamente, e eu suspeitei dele, também justificadamente. Eu lhe mostrarei isso por meio dele próprio e tentarei todos os estratagemas para colocar você em contato com ela. Deixei-a prostrada, pedindo notícias do depositário do segredo", e se retirou. Dormi preocupado naquela noite. No dia seguinte pela manhã ela apareceu contente e eu perguntei: "O que lhe aconteceu?". Respondeu: "Fui até minha patroa e lhe mostrei a mensagem. Depois que a reflexão exerceu seu efeito sobre ela e dominou a irritação, eu lhe disse: 'Não tenha medo, nem se entristeça, nem tema que a ausência do perfumista Abū Alḥasan ʿAlī Bin Ṭāhir leve à degradação do caso entre vocês, pois já encontramos um substituto', e lhe falei de sua relação com o perfumista e como você fez contato com ele, e depois de sua relação com Nūruddīn ʿAlī Bin Bakkār, e de como eu perdi a mensagem devido às preocupações em meu coração, e de como você a encontrou, e de como se estabeleceu que o segredo seria guardado. Ela ficou assombrada e disse: 'Gostaria de ouvir essa história da boca dele próprio, e também de certificar-me a seu respeito a fim de que minha alma se tranqüilize e se fortaleça a disposição dele em fazer tamanha generosidade'. Encaminhe-se, pois, com a bênção de Deus e seu bom êxito".

Ao ouvir aquelas palavras, o joalheiro considerou a questão gravíssima, o que tornava impossível lançar-se a ela com precipitação, e disse à jovem: "Saiba, fulana, que eu pertencço à classe média,²² e não sou como o perfumista Abū Alḥasan ʿAlī Bin Ṭāhir, o qual, caso fosse encontrado no palácio califal, poderia apresentar as suas mercadorias como argumento. Ele me contava histórias que me faziam estremecer. Se a sua patroa pretende conversar comigo, que isso se dê fora do palácio do comandante dos crentes. Não sofro de nenhuma loucura que me faça obedecer ao que você disse". E pôs-se a recusar a ida até lá, enquanto a jovem o encorajava e garantia que ele ficaria

bem e estaria protegido. Porém, a cada vez que resolvia acompanhá-la, suas pernas o traíam e suas mãos estremeciam. A serva lhe disse: "Que Deus lhe facilite as coisas!²³ Ela virá até você. Não saia daqui", e saiu apressada; logo retornou e disse: "Muito cuidado para que não haja em sua casa ninguém que ouça as suas conversas!".

Mais tarde o joalheiro contaria:

Eu lhe disse: "Não há ninguém comigo", e então ela, cautelosa ao extremo, saiu ligeira e retornou conduzindo uma jovem atrás da qual havia duas pequenas servas. A casa ficou impregnada de seu aroma e iluminada por sua beleza. Pus-me imediatamente de pé, estendi-lhe uma almofada e me sentei diante dela, calando-me em seguida até que ela descansasse; desvelou o rosto que não parecia senão o sol ou a lua nascendo. A fraqueza lhe tolhia os movimentos, e ela, virando-se para a sua serva, perguntou: "É ele?". A serva respondeu: "Sim". Cumprimentei-a e ela, após me retribuir da melhor maneira, disse: "A fé em você nos levou a vir à sua casa, a entregar-lhe o nosso segredo e a depender da sua discricção. Seja conforme supomos e acreditamos, pois você possui altivez, generosidade e brio". A seguir, indagou-me sobre minha situação, meus familiares e conhecidos. Revelei-lhe tudo a meu respeito e disse: "Saiba, madame, que eu tenho outra casa, dedicada à reunião com os companheiros e fraternos amigos, a qual não contém senão o que eu já descrevi para a sua serva". Ela me fez contar novamente o que eu já contara à serva, e eu o fiz até o fim. A jovem pôs-se a gemer e a lamentar a partida do perfumista Abū Alḥasan ʿAlī Bin Ṭāhir, a quem rogou todo o bem, e depois disse: "Saiba, fulano, que as almas dos seres humanos convergem na busca de prazeres, ainda que suas condições divirjam; e que nisto seus propósitos são semelhantes, ainda que dessemelhantes sejam suas ações, pois os seres humanos se equivalem.²⁴ Nenhuma obra se realiza sem palavras, nenhum objetivo se atinge sem esforço, e nenhum bem-estar se alcança sem fadiga".

E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. Dīnārzād disse: "Maninha, como é agradável e insólita a sua história", e ela respondeu: "Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se acaso eu viver e o rei me preservar".

23 Apesar de não parecer, trata-se de uma expressão dialetal (*hawwin ʿalayk*) de censura ainda hoje muito usada.

24 O trecho "que as almas dos seres humanos [...] equivalem" traduz a obscura formulação *anna arwāḥa-nnāsi mutadānyatun fi-ššahwāti wa in tabāʿadati-laḥwāli wa-laḡrāḡa mutaḡāribatun wa in tanāʿat baynahumu-lafʿālu, wa-nnāsu bi-nnāsi*. Outra tradução possível (com interpretação diversa das relações sintáticas entre os termos) seria: "que as almas das pessoas convergem na busca de prazeres ainda que divirjam suas condições e propósitos; que são próximas, mesmo que as suas ações sejam distanciadas, pois as pessoas se utilizam de outras pessoas".

Na noite seguinte ela disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que a jovem Šamsunnahār, quando fez recomendações ao joalheiro, disse-lhe entre outras coisas: “Não se deixa aparecer um segredo senão após o estabelecimento de confiança; não se é encarregado de algo senão após demonstrar capacidade; o êxito não surge senão quando se tem brio; não se confiam missões senão a quem detenha altivez e generosidade; e para ninguém se perfilam louvores senão na medida do carisma de seus atos e do bom augúrio de seus propósitos e dádivas. A questão se descobriu e o que estava oculto se revelou diante de você. O brio e a humanidade que você possui não podem ser aumentados, e não encontrarei paciência que me sustente para além da cláusula dos meus dias. No que se refere a esta serva, você já se certificou de sua boa conduta e da elevada posição de que goza junto a mim; é ela quem guarda os meus segredos e zela pelas coisas a mim atinentes. Confie em tudo o que ela disser e fique tranqüilo onde quer que ela o leve. Você estará a salvo do que quer que tema, pois não o convidaríamos para nenhum lugar que não esteja devidamente preparado para tal. Ela lhe trará notícias minhas e será a intermediária entre nós”.

Mais tarde, o joalheiro contaria:

Em seguida, Šamsunnahār se levantou, embora sem forças. Caminhei diante dela até a porta da casa e retornei após ter observado a sua beleza, ouvido as suas palavras e presenciado as suas ações, certificando-me de coisas que me maravilharam e perturbaram. Logo me levantei, troquei as roupas, saí de casa, e fui para a casa do jovem Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār, cujos criados me recepcionaram e colocaram diante dele, a quem encontrei prostrado. Quando se deu conta de minha presença, disse: “Seja muito bem-vindo! Você se atrasou e aumentou ainda mais as minhas preocupações”, e continuou: “Desde que você saiu não preguei o olho. Ontem, a serva veio visitar-me com uma mensagem selada” – e me relatou o que sucedeu e o que escreveu – “e agora estou perplexo com o que me acontece, ó fulano; minha paciência se esgotou e não encontro em mim forças nem bons alvitres que me conduzam ao alívio. Aquele homem era uma grande companhia e poderia me ajudar a atingir meu objetivo por causa da afabilidade e do conhecimento que ela tinha com ele”. Então eu ri e ele perguntou: “Você está rindo de mim depois de eu lhe ter confiado minha paciência e desgraça?”. E recitou o seguinte:

“Ele se riu muito de meu pranto quando me viu;
se experimentasse o mesmo que eu também choraria;
não tem piedade dos sofrimentos de um desgraçado.
Quantos jovens como ele padeceram tamanha desgraça?”.

Ao ouvir a sua poesia, tomei a iniciativa de indagá-lo sobre o que se passara com ele desde que eu o deixara. Quando terminou de contar, chorou amargamente e disse: “Em qualquer dos casos eu estarei liquidado e farei companhia aos que já se aniquilaram! Quem dera eu soubesse que Deus vai aproximar o fim antes distante. Foi-me subtraída a paciência, perdi a recompensa e extraviei a coragem. Não fosse você e eu teria morrido de tristeza e derretido de sentimento e aniquilação. Você será meu auxiliar nesse assunto até o momento em que Deus, a ele o louvor e a gratidão, decidir o que será, pois a ele pertencem a satisfação dos desejos e a concessão das recompensas. Eis-me aqui, prostrado diante de você feito um cativo; não me oporei a nenhum desígnio seu nem lhe desobedecerei alvitre algum”. Então eu lhe disse: “Meu senhor, esse fogo não será apagado senão pela reunião com a amada, mas em outro lugar que não aquele onde há perigo, aniquilação e dano. E eu tenho um lugar que ela já examinou, escolheu e preferiu; o propósito é que se reúnam, façam suas queixas recíprocas, conversem e reafirmem mutuamente os compromissos entre si, sem fazer conta do lugar e de seu espaço”. Ele respondeu: “Faça a respeito disso o que lhe parecer melhor”.

O joalheiro permaneceu com o jovem Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār naquela noite, fazendo-lhe companhia e zelando por ele até que amanheceu.

E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. Dīnārzād disse à irmã: “Como é agradável e insólita a sua história”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se acaso eu viver e o rei me preservar”.

Na noite seguinte ela disse:

Conta-se, ó rei, que o joalheiro disse:

Passei aquela noite na casa de Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār. Quando amanheceu, fui para a minha casa e, antes que eu me deitasse, a serva chegou e lhe relatei o que ocorrera entre mim

e ele. Então ela disse: “Apronte este lugar aqui, cuja construção é mais bela”. Respondi: “Aquele outro lugar é mais protegido”. Ela disse: “Seu parecer é correto. Vou agora informar minha patroa do que você me relatou e expor-lhe o que você me explicou sobre o comparecimento dela aqui”. Saiu, retornou e disse: “Vá até o lugar do qual falou e apronte-o da maneira adequada”, e puxou um saco, que entregou a mim dizendo: “Isso é para ajudar na comida e na bebida”, mas eu jurei que não utilizaria aquele dinheiro, e ela guardou o saco e saiu. Fui para a minha outra casa com o peito apertado por causa da atitude da jovem, e não deixei de providenciar nenhum utensílio, nem amigo de quem não emprestasse jóias, reunindo então todo o ouro, a prata, os tapetes e as cortinas que seriam necessários; comprei e preparei tudo de que eles necessitariam. A serva chegou e gostou do que viu. Eu lhe disse: “Vá até Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār agora e traga-o em sigilo”. Ela saiu e retornou trazendo-o vestido em roupas belíssimas, encantos destacados e qualidades delicadas. Dei-lhe acolhida gentil e respeitosa, fazendo-o sentar-se numa almofada, colocando diante dele toda espécie de utensílio espantoso e pondo-me a conversar com ele. A serva saiu e regressou depois da prece vespertina trazendo somente a jovem Šamsunnahār e mais duas pequenas servas. Quando ela o viu, e ele a ela, cada um dos dois foi vencido pela emoção, a tal ponto que não puderam alcançar-se. Vi uma cena que me aterrorizou e fui reanimá-lo de um lado, enquanto a serva a reanimava de outro, até que ele acordou, e depois ela, e os dois foram recobrando as forças. Em seguida, conversaram por alguns momentos com a língua débil; eu lhes trouxe bebida, e ambos beberam; depois trouxe comida, e ambos comeram, pondo-se então a me agradecer. Perguntei: “Gostariam de beber mais?”, ao que responderam afirmativamente. Transferi-os pois para um outro aposento, no qual se instalaram e se sentiram mais confortáveis, tranquilizando-se e aquietando as preocupações. Espantados com o que eu fazia por eles, consideraram-no muito belo e começaram a beber. A jovem Šamsunnahār perguntou: “Você tem alaúde ou algum instrumento musical?”. Respondi: “Sim”, e lhe entreguei um alaúde, que ela pegou, afinou e cantou com arte refinada.

E a aurora alcançou Šahrzād, que parou de falar. Dīnārzād disse: “Como é agradável e insólita a sua história, maninha”, e

ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se acaso eu viver e o rei me preservar”.

Na noite seguinte ela disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que o joalheiro disse:

Šamsunnahār pegou o alaúde, afinou-o e cantou com arte refinada, pondo-se a recitar a seguinte poesia:

“Ó mensageiro, deixa de lado
os pudores se de fato o fores.
Não digas o que ele não tiver dito
e satisfaz com a verdade esta sede.
Se ele tiver respondido reviveremos
mas, caso contrário, bela paciência.
Pela vida de meu pai, como é belo!
E que seus desígnios a tudo sobrepujem”.²⁵

E disse também a seguinte poesia:

“Fiquei tão insone que pareço ter-me pela insônia apaixonado,
e tanto me derreti que a debilidade parece ter sido para mim
[serva.
Minhas lágrimas me rolaram ardentes pelas faces e as
[queimaram.
Acaso já se viu alguém que, afogado n’água, ardesse em
[chamas?”.²⁶

E ouvi algo que me feriu os ouvidos como nunca dantes acontecera. Porém, antes que nos déssemos conta, a casa como que desmoronava sobre nós tantas eram as vozes e os gritos terríficos que a invadiram. Um pequeno criado meu, que eu posicionara diante da porta, entrou e disse: “Nossa porta foi quebrada e não sabemos quem está batendo”. Enquanto ele falava, uma serva começou a gritar sobre o telhado. Repentinamente, avançaram sobre nós dez indivíduos de rosto velado portando alfanjes e armados de espadas, logo seguidos de outros em igual quantidade. Ao vê-los fugi pela porta em disparada e me refugiei na casa de um vizinho. Foi então que, ouvindo bulha e vozes na casa, acreditei que o chefe de polícia os surpreendera. Permaneci escondido até o meio da noite.

²⁵ Trata-se de mais uma poesia praticamente ininteligível, que talvez por

191^a

noite das histórias das mil e uma noites

isso tenha sido suprimida no ramo egípcio do livro.

²⁶ Note-se que, conforme a preceptiva retórica árabe, essa imagem se constitui como impossível absoluto, e é disso que deriva a sua força.

echo "inteiramente
ada" traduz a
ação alcorânica *hiya*
tan'ala 'urūšihā
ão, 2, 259 e 18, 42).
edição de Būlāq, os
s são distintos: após
ias, o joalheiro deixa
sozinhos, retorna
sa, dorme, acorda,
bebe *qahwa* ("vinho")
ã", uma das raras
s à essa palavra na
endo então avisado
lto pelo vizinho. A
o muito elíptica e
o do texto pode ter
o dos motivos da
alação. No manus-
Arabe 3612", a nar-
stá resumida.

[*Continuou Šahrāzād.*] Assim, o joalheiro não conseguiu sair de onde estava. O dono da casa em que ele se refugiara desceu para sair e, vendo escondida num canto do saguão uma pessoa que ele não reconheceu, ficou com medo, entrou de novo em casa, retornou com uma espada desembainhada e perguntou: "Quem é você?". O joalheiro respondeu: "Sou fulano, seu conhecido!". O homem largou a espada e disse: "Minhas condolências pelo que lhe aconteceu. Possa Deus, com sua generosidade, restituir-lhe o que roubaram". O joalheiro disse: "Meu amo, diga-me quem foram esses que invadiram a minha casa". O homem respondeu: "Foram os mesmos assaltantes que levaram o dinheiro de fulano e mataram sicrano. Eles o viram ontem transportando muitos utensílios opulentos e valiosos para a casa e então tramaram contra você". Em seguida, o joalheiro caminhou para casa acompanhado pelo vizinho, e eis que a encontrou inteiramente depredada,²⁷ esvaziada de tudo quanto continha; suas janelas haviam sido arrancadas e suas portas, quebradas. Aquela situação deixou-o estupefato, produzindo um baque em seu coração e mergulhando-o em reflexões sobre o que lhe sucedera, o ponto a que chegara e o que fizera a si mesmo. Pôs-se a pensar em que desculpa daria aos donos do ouro e da prata emprestados, e na maneira de dizê-la. O joalheiro pensou também em Šamsunnahār e Nūruddīn 'Alī Bin Bakkār, e teve medo de que o califa soubesse a respeito deles por meio de algum criado, caso em que perderia a vida e seria condenado à morte. Voltando-se então para o vizinho, indagou: "O que você sugere que eu faça, meu irmão?". Respondeu: "Paciência, boas ações e resignação em Deus altíssimo, pois aqueles homens já mataram gente na casa do próprio chefe de polícia, bem como um grupo de soldados da guarda pessoal do califa. Foram espalhados espíões e vigias pelas estradas, mas ninguém ainda os encontrou. Eles são muitos e não se consegue enfrentá-los". Então o joalheiro suplicou pelo socorro de Deus e retornou para a sua outra casa.²⁸

E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. Dīnārzād disse à irmã: "Como é agradável e insólita a sua história", e ela respondeu: "Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se acaso eu viver e o rei me preservar".

Na noite seguinte ela disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que o joalheiro, após ter suplicado o socorro de Deus, retornou para casa dizendo: "Era isso que o perfumista Abū Alḥasan 'Alī Bin Ṭāhīr temia, e foi nisso que eu caí". As pessoas acudiram de todos os lados e o cercaram, silenciosas algumas, consoladoras outras e reclamantes outras mais, e ele se pôs a agradecer a um, a repetir a história a outro e a defender-se de outro mais durante boa parte do dia, sem ingerir nenhum alimento. Estava em tal situação quando um de seus criados entrou em casa e disse: "Amo, responda àquele homem que o procura ali no portão de casa. Não o conhecemos e eu nunca o tinha visto antes desta ocasião". O homem saudou o joalheiro e disse: "Tenho algo a lhe dizer". O joalheiro respondeu: "Entre". O homem disse: "Não, é melhor que você venha comigo para a sua outra casa". O joalheiro perguntou: "E por acaso ainda me resta outra casa?". O homem respondeu: "Estou a par do que lhe ocorreu e trago alívio para o problema".

Mais tarde, o joalheiro contaria:

Acompanhei-o até onde o homem desejava; caminhamos ambos até chegar à minha outra casa. Ao vê-la, ele disse: "Está sem porta. Não é possível ficar aqui. Vamos embora", e começou a ir de um ponto a outro até que anoiteceu sem que chegássemos a lugar algum.

Atarantado, o joalheiro nada questionou. Continuaram andando até chegar a um espaço às margens do rio Tigre. O homem disse: "Siga-me", e avançou, com o joalheiro, um pouco mais animado, caminhando atrás de si, até chegar a um barco, diante do qual pararam e embarcaram. O barqueiro remou até a margem oposta, quando então desceram; o homem conduziu o joalheiro pela mão e entrou com ele numa longa estrada pela qual nunca havia passado, pois ele não conhecia nada naquela região de Bagdá. O homem parou à porta de uma casa e a abriu; entraram e ele a trancou com um grande cadeado de ferro. Em seguida, apresentou o joalheiro a dez rapazes que pareciam um único homem; ele os cumprimentou, eles retribuíram e lhe determinaram que se sentasse; ele assim o fez, morto de cansaço e dominado pelo medo. Trouxeram-lhe água fresca e ele lavou o rosto e as mãos; depois, ofereceram-lhe bebida, e ele bebeu, e comida, da qual comeram todos.

Mais tarde, o joalheiro contaria:

Se eu estivesse correndo algum perigo, eles não teriam feito a refeição junto comigo. Após lavarmos as mãos, cada um deles retomou seu lugar e eu me sentei diante deles.

Eles lhe perguntaram: “Você nos conhece?”. Ele respondeu: “Não, nem este lugar e tampouco o homem que me trouxe aqui”. Eles disseram: “Conte-nos sua história e não tente nos enganar”. O joalheiro lhes disse: “Minha história é assombrosa. Vocês têm alguma notícia a respeito?”. Responderam: “Sim, fomos nós que assaltamos ontem a sua casa e seqüestramos o hóspede e a cantora que lá estavam”. O joalheiro disse: “Que Deus estenda o véu de sua proteção sobre vocês! Onde estão o hóspede e a cantora?”. Os homens apontaram para dois cômodos diante deles e disseram: “Cada um deles está num cômodo. Eles alegaram que ninguém além de você pode revelar a história deles. Depois disso, não nos reunimos com eles nem os indagamos. As belas roupas que estão usando nos pareceram fora do comum para pessoas de tal condição, e foi isso que nos impediu de matá-los. Conte-nos a verdade sobre eles e esteja seguro quanto à sua vida e às deles”.

E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. Dīnārzād disse à irmã: “Como é agradável e insólita a sua história”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se acaso eu viver e o rei me preservar”.

Na noite seguinte ela disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que o joalheiro, ao ouvir aquelas palavras, quase morreu de medo. Mais tarde ele contaria:

Eu lhes disse: “Caso o brío seja perdido, ele não se encontrará senão entre vocês; caso o segredo seja revelado, temer-se-á a calamidade que isso provocará, a qual não será ocultada senão pelo peito de vocês; caso alguma questão se torne difícil, não será contornada senão pela força e pela capacidade de vocês”. E fiquei exagerando tais sentidos.

O joalheiro considerou que tomar a iniciativa de contar a história verdadeira seria mais adequado e proveitoso do que ocultá-la, pois, naquele momento, quanto mais o tempo passasse, mais a história transpareceria. Assim, ele lhes contou a história do começo ao fim. Eles perguntaram: “Então esse é Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār e essa é Šamsunnahār?”. Ele respondeu: “Sim, eu nada omiti, nem ocultei segredo algum”. Muito

incomodados, eles se lamentaram e foram até os jovens, a quem pediram desculpas.

Mais tarde, o joalheiro contaria:

Eles me disseram: “Quanto ao que se roubou de sua casa, uma parte foi perdida, mas eis aqui o que restou”, e me devolveram a maior parte do ouro e da prata dizendo: “É nossa obrigação restituir essas coisas à sua outra casa”. Dividiram-se em dois grupos, um comigo e outro com o casal, e saímos daquela casa. Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār e Šamsunnahār haviam a custo se safado da morte, e só o que os sustinha em pé era o medo e o desejo de escapar dali. Dirigi-me a eles e perguntei: “O que fez a serva e onde estão as duas pequenas?”. Šamsunnahār respondeu: “Não tenho nenhuma notícia delas”. Aqueles homens nos conduziram afinal até o rio, onde nos fizeram embarcar no mesmo barco em que eu viera. Remaram, nos depositaram na outra margem e desembarcaram. Mal tínhamos posto os pés em terra, fomos cercados por homens a cavalo. Os ladrões fugiram com a rapidez de águias até o barco e dispararam em fuga. Ficamos nós três na beira do rio sem conseguir nos mover. Os homens da cavalaria perguntaram: “Quem são vocês?”. Ficamos em dúvida sobre o que responder, e então eu disse: “Aqueles eram um bando de ladrões e nós somos jovens que eles ontem seqüestraram. Eles nos retiveram até agora, e não se apiedaram de nós senão depois que os envolvemos com suaves palavras; foi por isso que eles se comprometeram a nos soltar e devolver a liberdade. E então ocorreu o que vocês viram”. Após olhar detidamente para mim, para a jovem e para Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār, disseram: “Você não falou a verdade. Quem são vocês? Como são conhecidos? Em que região moram?”. Não soubemos o que responder, e Šamsunnahār se isolou com o chefe dos cavaleiros e conversou com ele, que imediatamente apeou-se de seu animal e a fez montar, pondo-se a conduzi-lo pelas rédeas; fez o mesmo com Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār e também comigo. Levou-me a um ponto e gritou por alguém, que apareceu empurrando dois barcos; entramos num deles, nós e o casal, enquanto seus companheiros embarcavam no outro; em seguida, os navegantes remaram até chegarmos ao palácio do califa; estávamos à beira da morte. O chefe fez um gesto para os condutores do barco²⁹ no qual eu me encontrava e eles remaram e cortaram as águas até chegar ao local que conduzia à nossa casa. Desembarcamos acompa-

29 A eclipse, que consta nos manuscritos e edições impressas, talvez não permita subentender que, antes de dar essa ordem gestual, o chefe dos cavaleiros já desembarcara junto com Šamsunnahār e outros cavaleiros.

nhados por dois soldados encarregados de nossa segurança. Fomos à casa de Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār. Os dois homens se despediram e nós entramos, deixando-nos enfim desabar na casa sem nos mexer e sequer saber onde estávamos. Quando a manhã se abateu sobre nós, não acordamos, tamanha era nossa exaustão. No final do dia fiz leves movimentos e eis que notei um choro de homens e mulheres à cabeceira de Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār, que não se mexia. Quando perceberam que eu despertara, fizeram-me sentar e disseram: “Conte-nos o que sucedeu a Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār, pois você é a desgraça e o mal desse jovem”. Então eu disse: “Ó gente...”.

E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. Dīnārzād disse à irmã: “Como é agradável e insólita a sua história”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se acaso eu viver e o rei me preservar”.

Na noite seguinte ela disse: “Sim”.

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que o joalheiro disse:

Indagado sobre Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār, respondi: “Gente, não é nada disso! É impossível divulgar a história dele na presença de tantas testemunhas!”. Implorei aos presentes e ameacei armar um escândalo. De repente, o jovem se mexeu na cama e eles ficaram contentes. Alguns se retiraram e outros permaneceram. Eu me encontrava impedido de retornar à minha casa ou de fazer qualquer outra coisa. Aspergiram o rapaz com água-de-rosas e essência de almíscar; ele acordou e começaram a lhe fazer perguntas, mas era tamanha a sua fraqueza que ele não pôde responder, limitando-se a fazer-lhes sinais para que me soltassem. Mal pude acreditar quando saí dali; cheguei à minha casa carregado por dois homens. Quando me viram naquele estado, meus familiares puseram a se estapear nos rostos e a gritar, mas eu lhes fiz um gesto para que se calassem; eles obedeceram e eu dispensei os dois homens.

Assim, o joalheiro ficou prostrado pelo resto da noite. Mais tarde, ele contaria:

Quando acordei, meus familiares, filhos e amigos estavam à minha cabeceira e me perguntaram: “O que o atingiu?”. Mande trazer água e lavei o rosto e as mãos; trouxeram-me bebida e então bebi; troquei as roupas, agradei a quem viera me visitar e disse: “Eu me excedi na bebida e acabou me acontecendo

o que vocês viram”. Então o grupo foi-se embora; desculpei-me com meus familiares e me comprometi a não fazê-los mais passar por aquilo. Eles me revelaram que algumas das coisas roubadas lhes haviam sido restituídas por um homem que as lançara no saguão e fugira a toda a pressa. Tranqüilizei-me e permaneci dois dias naquele local sem conseguir me levantar. Assim que me revigorei, fui ao banho, com o coração em chamas por causa do jovem Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār e do que sucedera à jovem Šamsunnahār. Naqueles dias não ousei aproximar-me de sua casa nem ir a lugar algum por temor de que isso pudesse prejudicá-lo. Renunciei, por Deus, a retomar aquele caminho; distribuí tantas esmolas quantas me foi possível e conformei-me com o resto das coisas que perdera. Eu disse: “Vou para o outro lado da cidade ver as pessoas e espairar. O destino já me cobrou um alto preço para instruir-me”, e saí andando e me autocensurando. Cheguei ao mercado de tecidos, onde me sentei junto a um amigo por algum tempo. Quando resolvi partir, vi uma mulher parada diante de mim; examinei-a e eis que era a serva de Šamsunnahār! Então o mundo escureceu diante de meus olhos. Caminhei tropeçadamente enquanto ela me seguia e fui invadido por um terrível medo. Cada vez que eu resolvia lhe dirigir a palavra, o terror me assaltava. Ela dizia: “Pare, meu senhor, e ouça o que lhe direi”. Até que finalmente cheguei a uma mesquita num local ermo e entrei. Ela entrou atrás de mim, condeu-se por minha desdita e perguntou sobre o meu estado. relatei-lhe o que sucedera a mim e a Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār e pedi: “Conte-me o que sucedeu a você, em especial, e o que aconteceu à sua patroa após a nossa partida”.

E ela disse:

Quanto à minha história, ao ver os assaltantes invadindo a sua casa, temi que fossem soldados e me levassem a mim e à minha patroa, e nesse caso eu rapidamente estaria liquidada. Por isso, fugi pelos telhados junto com as duas pequenas servas; pulamos de telhado em telhado até que topamos com algumas pessoas que foram tomadas de piedade por nós e nos acolheram muito bem. Chegamos ao palácio pela manhã no pior estado, mas ocultamos o que acontecera. Eu estava como que fritando em fogo. Ao anoitecer, abri a porta que dá para o rio, chamei o barqueiro que fica por ali e lhe disse: “Ai de ti! Esquadrinhe o rio por todos os lados, quiçá você localize um barco com uma mulher a bordo”. Quando a noite já ia pela metade,

um barco veio na direção da porta. Havia dois homens a bordo, um remando e outro em pé; uma mulher estava deitada num canto. Colei-me à porta. A mulher desembarcou e eis que era a minha patroa. Fiquei maravilhada de alegria por ela estar ilesa.

E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. Dīnārzād disse à irmã: “Como é agradável e insólita a sua história”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se acaso eu viver e o rei me preservar, e que será ainda mais assombroso e insólito”.

Na noite seguinte ela disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que a serva disse ao joalheiro:

Quando vi a minha patroa, fiquei contente por ela estar bem e fui ficar à sua disposição. Ela me ordenou que pagasse mil dinares àquele homem. Paguei – com o dinheiro do saco que eu lhe trouxera e você recusara –, agradei, ele se retirou e tranquei a porta. Carreguei-a auxiliada por duas outras servas e a deitamos em sua cama. Seu sopro vital estava a ponto de abandoná-la. Šamsunnahār permaneceu naquele estado pelo resto da noite e no dia seguinte. Enquanto isso, eu impedia as demais servas de se aproximarem dela. Depois ela acordou parecendo que havia saído de um túmulo. Aspergi água-de-rosas e almíscar sobre ela, troquei-lhe as roupas, lavei seus pés e mãos e dei-lhe uma bebida. Agradei-a até conseguir fazê-la comer algo, embora ela tentasse recusar. Quando se prenunciava que ela ia melhorar, pus-me a censurá-la e lhe disse: “Você já viu o suficiente e esteve a ponto de levar a sua vida à aniquilação”. Ela respondeu: “A morte me seria mais leve que as coisas que me ocorreram. Não pude acreditar que escaparia nem duvidei de que morreria. Quando os ladrões me raptaram da casa, indagaram a minha história e lhes respondi: ‘Sou cantora’; indagaram meu amado sobre si e ele respondeu: ‘Sou um homem do vulgo’. Eles nos conduziram ao seu esconderijo e só o que nos sustinha em pé era o temor, o medo. Quando enfim se acomodaram em seus lugares, examinaram-me, viram em mim tantas jóias que estranharam a condição que eu alegara ter e disseram: ‘Uma cantora não usa tantas jóias; conte-nos a verdade’. Contive-me, e então perguntaram a ele: ‘E você, quem é? Seus trajes não correspondem aos de um homem do

vulgo’. Ele e eu nos pusemos a tentar esconder nossa condição, e então os ladrões perguntaram: ‘Quem é o dono do lugar onde vocês estavam?’. Respondemos: ‘Fulano filho de fulano’. Um deles disse: ‘Eu o conheço e sei onde mora. Eu logo o trarei aqui se o destino me ajudar’. Eles combinaram me colocar num cômodo e meu amado em outro. O chefe do bando nos disse: ‘Descansem até que sua história seja investigada. Nada temam, pois sua vida e seus bens estão em segurança’. O membro do grupo saiu e trouxe o fulano que indicamos, isto é, o joalheiro, que revelou a nossa condição. Eles se desculparam, levantaram-se imediatamente e trouxeram um barco no qual nos embarcaram, atravessando conosco até a outra margem. Fomos surpreendidos pelo chefe da patrulha, e então eu lhe fiz um sinal e disse: ‘Sou fulana, embriaguei-me e fui para a casa de algumas mulheres conhecidas, mas veio esse bando e me raptou; encontrei com eles esses dois homens; fomos os três conduzidos pelo bando até aqui e agora eu estou disposta a recompensar você’. Ele se apeou, ajudou-me a montar, procedendo do mesmo modo com os outros dois, e nos fez chegar, como você viu. Mas não sei agora o que é de meu amado e do joalheiro, e meu fígado está em chamas por causa deles, sobretudo o companheiro de Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār, cujos bens foram subtraídos. Pegue algum dinheiro e vá até ele, cumprimente-o e peça-lhe notícias de Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār”. Eu a censurei e atemorizei dizendo: “Tema a Deus em sua alma, rompa com essa relação e contenha-se com o manto da paciência”. Mas ela gritou comigo e se encolerizou com minhas palavras. Saí então de sua frente e vim procurar você aqui na sua casa, pois não ousei dirigir-me à casa de Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār. Estou à sua disposição. Por favor, tenha a bondade de receber o dinheiro, e para isso você está bem justificado, pois é imperioso que você compense as pessoas que perderam os bens”.

Mais tarde, o joalheiro contaria:

Dirigi-me com a serva até outro local e ela me disse: “Espere aqui até eu retornar”.

E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. Dīnārzād disse à sua irmã Šahrāzād: “Como é agradável e insólita a sua história, maninha”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite”.

Na noite seguinte ela disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que o joalheiro disse:

A serva me disse: “Espere aqui até eu retornar”, e logo retornou carregando tudo quanto era capaz de transportar; entregou a mim e disse: “Vá com a proteção de Deus. Onde nos encontraremos?”. Respondi: “Vá até a minha casa; enquanto isso, não pouparei os mais penosos esforços para encontrá-lo e agirei para colocá-lo em contato com você; este dinheiro irá facilitar aquilo que eu considerava difícil”. Ela disse: “Meu medo é que você não consiga chegar até ele e contatá-lo, e então eu não saberei onde nos encontrarmos”. Respondi: “Vá até a minha outra casa que agora mesmo providenciarei novas portas e a deixarei segura; poderemos nos encontrar ali”. Ela se despediu e eu saí carregando o dinheiro; retornei para casa e verifiquei que a quantia era de dois mil dinares. Muito contente com aquilo, entreguei uma parte aos meus familiares e com outra satisfiz aos credores; acompanhado de meus criados, fui para a outra casa e mandei chamar artesãos; reconstruí as janelas e as portas de um modo melhor do que antes, coloquei duas servas para zelar pela segurança e duas jovencinhas para servir; saí com o coração revigorado, esquecido de tudo quanto me ocorrera, e rumei para a casa de Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār. Mal cheguei e seus criados vieram me recepcionar; um deles, alvíssareiro, beijou a minha mão e me conduziu até Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār, que estava na cama sem conseguir falar. Sentei-me ao seu lado e lhe tomei a mão; ele abriu os olhos e disse: “Muito bem-vindo” – e se ergueu para sentar, mas não conseguiu senão a muito custo – “graças a Deus que o vejo”. Esforcei-me por fazê-lo levantar-se, caminhar alguns passos, trocar as roupas e beber algo – tudo isso para me agradar. Conversei sobre as coisas entre nós e, quando a sua inquietação passou, eu lhe disse: “Sei o que você deseja. Alvíssaras, não se renovou senão o que irá alegrá-lo e acalmar o seu coração”. Então ele fez um gesto para os criados, que se dispersaram, e perguntou: “Você viu o que se abateu sobre nós?”. Pedi-me desculpas e me fez indagações; relatei-lhe tudo o que ocorrera depois de nossa separação e também falei de Šamsunnahār. Ele agradeceu a Deus altíssimo, louvou-o e disse: “Por Deus, como ela é excelente, e como é perfeito o seu brio!”.

E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. Dīnārzād disse à irmã: “Como é agradável e insólita a sua história”, e ela

respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se acaso eu viver e o rei me preservar”.

Na noite seguinte ela disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, que o joalheiro disse:

Conversei com Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār e lhe falei sobre o dinheiro que a jovem Šamsunnahār me providenciara. Ao ouvir as minhas palavras, o jovem disse: “Por Deus, como ela é excelente, e como é perfeito o seu brio!”, e continuou: “Eu irei compensá-lo por todos os utensílios e demais objetos roubados”. E, dirigindo-se ao seu despenseiro, determinou que me trouxesse os móveis, as cortinas, a prata, o ouro e a maior parte das coisas que me haviam sido roubadas. Encabulado, agradeceu-lhe o desvelo para comigo e disse: “Minha preocupação em agradar a vocês dois é maior do que meu apego às coisas roubadas. Na verdade, eu me lançaria à morte por vocês e pela paixão mútua que nutrem”. Permaneci junto a ele pelo resto do dia e noite adentro. Seus movimentos eram débeis, estava fragilizado, em contínuas lamúrias e lágrimas abundantes. Quando a manhã se anunciou, ele me disse: “Fulano, saiba que todas as coisas têm um termo; o termo da paixão é a morte ou o contato contínuo. Estou mais próximo da morte, que para mim será mais adequada e repousante do que isto. Quem dera eu tivesse me resignado e morrido ou então conseguido consolo, descansando e dando descanso aos outros. Depois do que já havia ocorrido, aquele foi o segundo encontro, um turbilhão durante o qual sucedeu aquilo que você já sabe. Como poderá a alma suportar uma terceira vez? Isso não terá justificativa perante ninguém depois daquele alerta, pois, não fosse a generosidade de Deus poderoso e magnífico, estaríamos mergulhados em grande escândalo. Estou perplexo e não sei que providências tomar para salvar-me. Não fosse o meu temor a Deus, eu daria cabo de minha vida; sei que ela e eu vamos morrer, mas somente num prazo predeterminado”. Chorou copiosamente e recitou:

“Acaso pode o pesaroso algo mais que o choro?

É somente pelo anseio que assim me exponho.

Deito-me e parece que a noite diz às estrelas:

‘Vamos, fiquem aqui e não deixem amanhecer’”.

em boa companhia”
a obscura expressão
(caso) *muṣāḥaban*.
queira dizer
em Deus”.

echo entre aspas
é provérbio

Então eu lhe disse: “Arme-se de paciência, meu senhor, seja firme e faça a sua alma conformar-se com a tristeza e com a alegria. Paciência”. Ele me encarou e pôs-se a recitar os seguintes versos:

“A torrente das lágrimas se habituou ao lacrimejar ou é a angústia que o impede de ter bela paciência? Aquele que reunia os segredos também os guardava, mas seus olhos espalharam aquilo que ele ajuntava. Sempre que tencionava conter as lágrimas, opunha-se vigorosamente a isso um sábio em questões de paixão”.

Eu lhe disse: “Preciso voltar para casa, pois é possível que a serva venha trazer alguma notícia”. Ele respondeu: “Vá em boa companhia³⁰ e apresse o retorno, por favor, pois você está vendo o meu estado”. Fui para a minha casa. Mal me acomodara e a serva de Šamsunnahār chegou perturbada, chorosa, preocupada, atemorizada, medrosa e espantada. Perguntei-lhe: “Qual é a história?”. Ela respondeu: “O destino nos surpreendeu e se abateu sobre nós aquilo que já prevíamos. Ontem eu saí daqui e cheguei justamente quando minha patroa ordenava que fossem surradas as duas pequenas servas que estavam conosco. Uma delas escapuliu de suas mãos, topou com a porta aberta e saiu. Foi encontrada por um dos criados encarregados de vigiar o aposento, e que também trabalha como espião para outra concubina do califa. Aproveitando a oportunidade, ele pegou a menina, escondeu-a e agradeceu-a. Depois, interrogou-a e ela lhe fez menção de algumas coisas que nos sucederam na primeira e na segunda noite. Ele imediatamente a conduziu até o comandante dos crentes, que a fez confessar, e ela contou tudo. Ontem, ele ordenou que minha patroa fosse transferida para o palácio califal, e encarregou vinte criados de vigiá-la. Não foi encontrar-se com ela nem lhe informar o motivo da transferência. Lançando mão de várias intermediações, consegui sair, e ‘uma coisa acontece depois da outra’.³¹ Não sei como agir nem como elaborar uma artimanha para que nós duas nos safemos. Ela não tem ninguém de maior confiança do que eu. Você sabe que sou a guardiã de seus segredos”.

E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. Dīnārzād disse à irmã: “Como é agradável e insólita a sua história”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se acaso eu viver e o rei me preservar”.

Na noite seguinte ela disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que a serva disse ao joalheiro: “Vá à casa de Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār e avise-o para que esteja preparado para o pior até que ajitemos as coisas;³² caso as coisas não dêem certo, ele ao menos terá salvo a vida e os bens”.

Mais tarde o joalheiro contaria:

Foi então que a enormidade do assunto me assaltou, a tal ponto que não me restaram forças para levantar. Mas logo que a serva partiu me pus de pé, retornei rapidamente para a casa de Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār e lhe disse: “Enrole-se no manto da paciência, adorne-se de firmeza, afaste a preocupação, tome o caminho da coragem, deixe seus sentidos em alerta e largue mão dessa prostração e dessa moleza, pois aconteceu algo que acarretará a perda de sua vida e de seus bens”. Então ele se alterou e, bastante incomodado, disse: “Meu irmão, você está nos matando! Diga-me o que aconteceu em detalhes e com clareza”. Eu disse: “As novidades são tal e tal; você está irremediavelmente liquidado”, e então ele ficou aparvalhado por algum tempo, e parecia que seu sopro vital se esvairia. Em seguida ele se recuperou e disse: “O que fazer?”. Respondi: “Das suas coisas, recolha aquilo cuja perda você teme, e dos seus criados, aqueles em quem você confia; agirei da mesma maneira. Rumemos para a cidade de Alanbār³³ antes que o dia termine”. Então ele se levantou perturbado, ora andando, ora tropeçando. Arrumou o que lhe foi possível arrumar, desculpou-se com seus familiares, fez-lhes as recomendações que considerava necessárias e tomamos o rumo de Alanbār, mantendo-nos em marcha pelo resto do dia e pela noite; ao final da noite, depusemos os fardos, amarramos as montarias e dormimos tão profundamente que não percebemos quando alguns homens roubaram nossas bagagens, montarias e todo o dinheiro que transportávamos em nossos cinturões; deixaram-nos sem roupas e mataram nossos criados, largando-nos naquele lugar na pior situação.

[*Proseguiu Šahrāzād:*] Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār perguntou ao seu companheiro joalheiro: “O que é preferível, isto ou a morte?”. O joalheiro respondeu: “E o que podemos fazer? Foi Deus quem determinou isso, pois é esta a sua vontade”.

Mais tarde, o joalheiro contaria:

Caminhamos então até o amanhecer. Tomamos a direção de uma mesquita e nela entramos, forasteiros, pobres e desco-

32 Quanto ao trecho “avise-o para que esteja preparado para o pior até que ajitemos as coisas”, o original é quase incompreensível. Muhsin Mahdi sugere que se leia: *imḍi ilā ‘Alī Bin Bakkār yāḥud linafsihi ‘annā ḥattā nakūn qad dabbarnā nufūsanā*.

33 Antiga cidade situada à beira do rio Eufrates. Foi capital da dinastia abássida antes da fundação de Bagdá. Hoje, é nome de um distrito do Iraque.

nhecidos. Acomodamo-nos à sua sombra durante o dia inteiro, e não ouvimos uma só voz nem vimos uma só pessoa; ninguém entrou, fêmea ou macho. Ali permanecemos pelo restante da noite. Quando amanheceu, eis que um homem entrou, fez suas preces, voltou-se para nós e disse...

E a aurora alcançou Šahrzād, que parou de falar. Dīnārzād disse à irmã: “Como é agradável e insólita a sua história”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se acaso eu viver e o rei me preservar”.

Na noite seguinte ela disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que o joalheiro disse:

Eis que entrou um homem, fez suas preces, voltou-se para nós e disse: “Que Deus os preserve, minha gente! Vocês são forasteiros?”. Respondemos: “Sim. Fomos atacados por bandoleiros e não conhecemos ninguém que nos dê abrigo”. Ele perguntou: “Vocês gostariam de vir comigo para a minha casa?”. Eu disse a Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār: “Vamos com ele, pois eu temo que alguém entre na mesquita e nos reconheça. Ademais, somos forasteiros e não dispomos de nenhum refúgio”. O jovem respondeu: “Faça como quiser”. O homem insistiu: “Então, que me dizem?”. Respondemos: “Ouvimos e obedecemos”. Então ele retirou algumas de suas roupas, cobriu-nos com elas e disse: “Vamos enquanto ainda está meio escuro”. Saímos com ele e, quando chegamos à sua casa, ele bateu na porta e um pequeno criado veio abri-la. Ele entrou e entramos atrás; ordenou que se providenciasse uma trouxa com roupas e lenços. Vestiu-nos, a mim e a Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār, e pusemos turbantes, após o que nos acomodamos, e de repente uma serva apareceu trazendo comida. Disseram-nos: “Comam com a bênção de Deus altíssimo”. Comemos um pouco e a mesa foi retirada. Permanecemos ali até o anoitecer, quando então Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār começou a gemer, a arquejar profundamente, a demonstrar melancolia e me disse: “Saiba, fulano, que estou irremediavelmente aniquilado. Eu lhe faço uma recomendação: assim que eu morrer, procure a minha mãe, recomende-lhe que venha até aqui, me lave, me prepare para o enterro e tenha paciência com a minha separação”.

E a aurora alcançou Šahrzād, que parou de falar. Dīnārzād disse à irmã: “Como é agradável e insólita a sua história”, e ela

respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se acaso eu viver e o rei me preservar”.

Na noite seguinte ela disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que o jovem Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār lhe disse: “Recomende à minha mãe que tenha paciência”.

Mais tarde, o joalheiro contaria:

Em seguida ele ficou desmaiado por algum tempo. Quando acordou, a serva do homem cantava e recitava os seguintes versos:

“A morte apressou nossa separação
depois do amor, amizade e harmonia.
Por que separação depois da união?
Oxalá não atingisse nenhum apaixonado.
Uma hora de estertor, depois o decreto
e a separação dos amantes no coração fica.
Promova Deus a união de todos os amantes
e comece por mim, pois estou apaixonado”.

Ao ouvir aquilo, Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār estrebuchou e morreu. Recomendei-o ao dono da casa e o amortalhei. Passados dois dias, acompanhei um grupo que ia a Bagdá e entrei em minha casa; depois saí e fui até a casa de Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār. Ao me verem, seus criados me cercaram e saudaram. Pedi permissão para falar com sua mãe; ela permitiu, entrei e a cumprimentei. Quando me senti mais confortável no lugar, disse-lhe: “Escute – que Deus lhe dê êxito e a trate bem –; Deus altíssimo provê os homens da maneira que bem entende e não há escapatória de seus decretos e decisões”. Então ela chorou copiosamente e perguntou: “Por Deus! Meu filho morreu?”. Meu choro e altos soluços impediram-me de responder. Quando a tristeza já se apoderara também de si, a mulher caiu de braços por algum tempo, e então as servas acorreram envergonhadas e a ajeitaram. Ao despertar, a mulher me perguntou: “O que aconteceu com ele?”. Respondi: “Foi isso e aquilo. Isso é muito duro para mim, por Deus! Tínhamos a maior amizade e bem-querer”³⁴ – e lhe relatei tudo quanto sucedera com ele. A mulher disse: “Ele já me revelara o âmago de seu segredo.

34 “Tínhamos a maior amizade e bem-querer” traduz *wa anā a‘azz*

200^a

noite das histórias
das mil e uma noites

aṣḥābihi wa aḥbābihi,
literalmente, “eu era o seu
maior amigo e amado”.

Fez alguma recomendação?”. Respondi: “Sim”, e contei qual fora. Então a mulher não parou mais de se lamuriar e chorar junto com as servas. Sai da casa arrasado, momentaneamente cegado por aquelas desgraças. Recordei-me de sua juventude, de meu entra-e-sai da sua casa, e chorei. Súbito, uma mulher agarrou a minha mão; abri os olhos, contemplei-a e eis que era a serva de Šamsunnahār, trajando preto e completamente abatida. Meu choro e meus gemidos aumentaram, e ela também chorou; caminhamos juntos até chegar à minha casa na qual eles haviam se encontrado e lhe perguntei: “Você já sabe o que aconteceu a ele?”. Ela respondeu: “Não, por Deus!”. Então eu lhe contei tudo enquanto ambos chorávamos. Depois eu lhe perguntei: “E o que mais ocorreu à sua senhora que a levou à morte?”.

Ela respondeu:

O comandante dos crentes a transferiu de lugar, conforme eu já lhe contara, mas não a informou de nada do que estava ocorrendo. Afinal, o amor e o afeto que o comandante dos crentes nutria por ela levaram-no a considerar que a denúncia era absurda. Ele lhe disse: “Como você é a pessoa mais amada para mim, Šamsunnahār, e goza de meu apreço, eu afasto o mal de você e a absolvo de tudo quanto seus inimigos lhe assacam”. E ordenou que lhe dessem um gracioso aposento e um palácio dourado. Isso instilou nela um grande e grave terror. No final do dia, ele sentou-se para beber, conforme o hábito, e mandou que viessem as concubinas. Acomodou-se num dos colchões e fez Šamsunnahār acomodar-se ao seu lado, a fim de mostrar-lhes a posição que ela desfrutava diante dele e o lugar que ocupava em seu coração. Ela estava presente-ausente, sem os sentidos e sem a capacidade de se mexer. A situação dela piorou, pois suas palavras traíam apreensão quanto ao que o califa iria fazer. Então uma serva cantou os seguintes versos:

“Lágrimas que a paixão convocou responderam;
escorrem de mim e se encontram em meu rosto;
os cílios dos olhos se cansam de carregar o seu peso,
mostrando o que esconde e escondendo o que mostro;
como almejar o segredo e esconder a paixão?
Minha paixão por você mostra o que trago no peito.
A morte já me é agradável após perder meus amados.
Quem dera após a morte eu soubesse o que os agrada!”.

Sem conseguir controlar-se, ela chorou e desabou desmaiada. O califa atirou a taça que tinha na mão e a puxou até si, mas eis que estava morta! Ele gritou, e com ele as servas. Ordenou que fossem quebrados todos os objetos que havia diante de si, e tudo foi quebrado. Saindo dali a toda a pressa, o califa determinou que ela fosse carregada até o seu aposento particular, e ali ela ficou, diante dele, por toda a noite. Quando amanheceu, ele ordenou que o corpo fosse lavado e amortalhado, enterrando-a sem nada questionar a seu respeito.

[*Proseguiu Šahrāzād:*] Então a serva disse ao joalheiro: “Por Deus, eu lhe peço que você me conte em que dia o corpo de Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār chegará a Bagdá para ser enterrado”. O joalheiro perguntou: “E onde poderei encontrar você?”. Ela respondeu: “O comandante dos crentes me libertou, bem como a todas as servas de Šamsunnahār. Eu vou constantemente ao cemitério onde ela está enterrada, no lugar tal e tal”.

Mais tarde o joalheiro contaria:

Fui com ela e nos dirigimos àquele cemitério; visitei o seu túmulo e fui embora. No quarto dia, chegou o funeral de Alanbār. Todas as classes da população de Bagdá, eu inclusive, saíram para acompanhá-lo. Ele foi recebido por homens e mulheres. Foi um dia como jamais vi outro em Bagdá. De repente, aquela serva introduziu-se entre os familiares de Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār e superou ao grande e ao pequeno com sua tristeza; repetiu a oração ritual³⁵ e enumerou-lhe os méritos com uma voz que dilacerava o fígado e derretia os corpos. Chegaram enfim ao cemitério onde ele foi enterrado. Nunca deixei de visitá-lo.

Essa é a história de Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār e de Šamsunnahār.

E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. Sua irmã lhe disse: “Como é agradável essa história”, e ela respondeu: “Na próxima noite irei contar-lhes algo gracioso, insólito e emocionante para o ouvinte; consiste numa história espantosa, se assim quiser Deus altíssimo”.

ANĪSULJALĪS E NŪRUDDĪN ‘ALĪ BIN ḤĀQĀN

Na noite seguinte, Dīnārzād disse à sua irmã Šahrāzād: “Por Deus, maninha, se você não estiver dormindo, conte-nos uma de suas belas historinhas, a fim de atravessarmos o serão desta noite”. Ela respondeu: “Ouço e obedeço”.

35 O trecho “repetiu a oração ritual” traduz o verbo *rajja‘at*, ou seja, disse a habitual frase muçulmana *innā lillāhi wa innā ilayhi rāji‘ūn*, “a Deus pertencemos e a ele retornaremos”.

Na formulação seguinte, “enumerou-lhe os méritos” traduz o verbo *‘addadat*, que indica justamente esse procedimento, comum durante os funerais muçulmanos.

201^a

noite das mil e uma noites